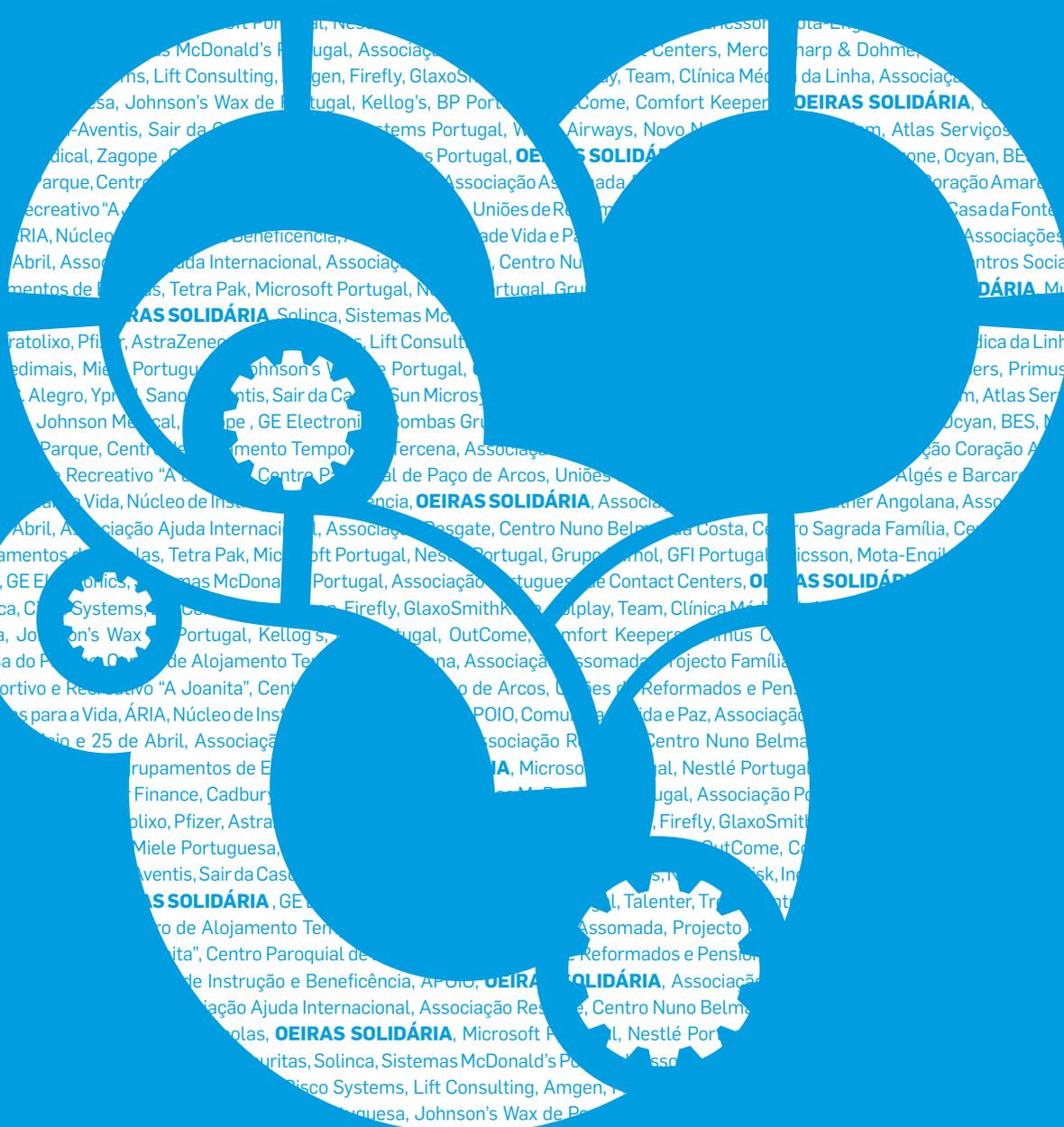


OEIRAS EM REVISTA

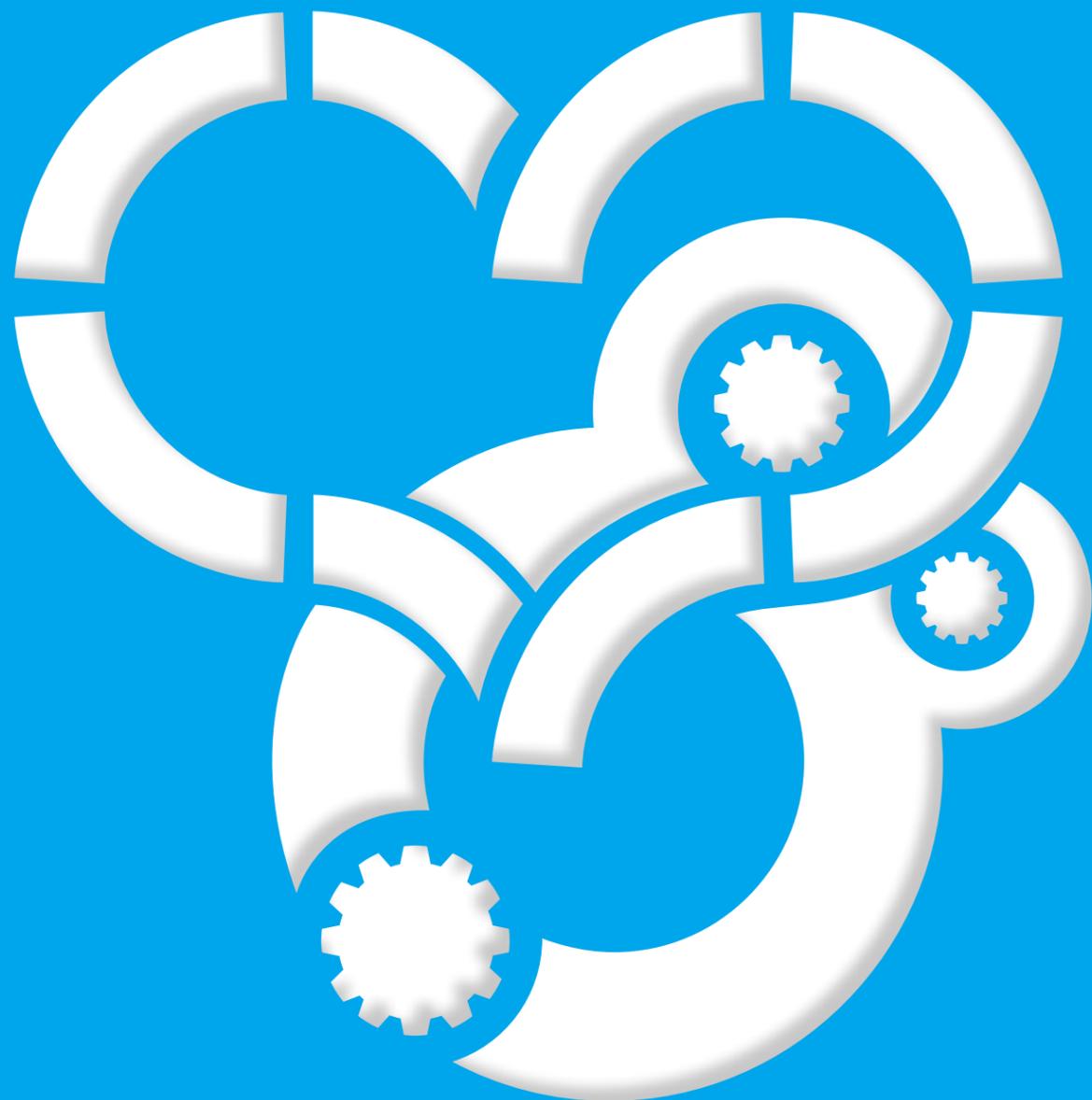
Outono '10 } nº 104

Propriedade do Município de Oeiras

Distribuição gratuita / Impressão 0,66€



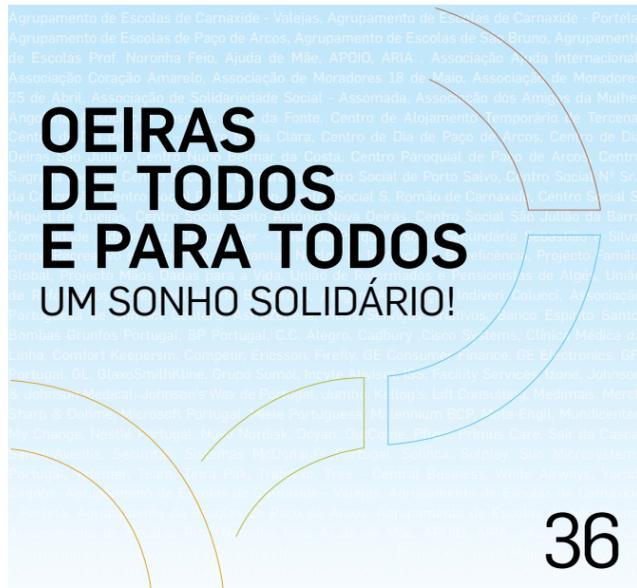
**OEIRAS MUNICÍPIO
FAMILIARMENTE RESPONSÁVEL**



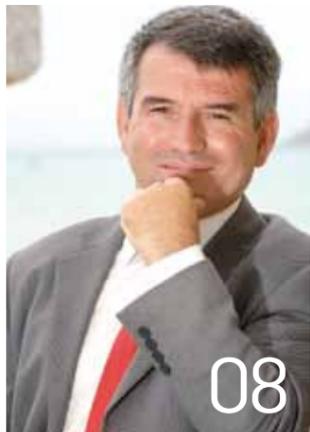
OEIRAS SOLIDÁRIA, Crescer Ser - Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, Associação Coração Amarelo, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, ÁRIA, Núcleo de Instrução e Beneficência, APOIO, Comunidade Vida e Paz, Associação dos Amigos da Mulher Angolana, Associações de Moradores 18 de Maio e 25 de Abril, Associação Ajuda Internacional, Associação Resgate, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Centro Sagrada Família, Centros Sociais, Centros de Dia, ESSS, Agrupamentos de Escolas, Tetra Pak, Microsoft Portugal, Nestlé Portugal, Grupo Sumol, GFI Portugal, Ericsson, Mota-Engil, Mundicenter, GE Consumer Finance, Cadbury, Securitas, Solinca, Sistemas McDonald's Portugal, Associação Portuguesa de Contact Centers, Merck Sharp & Dohme, ISS Facility Services, Tratolixo, Pfizer, AstraZeneca, Cisco Systems, Lift Consulting, Amgen, Firefly, GlaxoSmithKline, Solplay, Team, Clínica Médica da Linha, Associação Indiveri Colucci, Medimais, Miele Portuguesa, Johnson's Wax de Portugal, Kellogg's, BP Portugal, OutCome, Comfort Keepers, Primus Care, GL, My Change, Jumbo, C.C. **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Yprod, Sanofi-Aventis, Sair da Casca, Sun Microsystems Portugal, White Airways, Novo Nordisk, Incyte Ativism, Atlas Serviços Criativos, Competir, Johnson & Johnson Medical, Zagope, GE Electronics, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Talenter, Tree – Central Business, Izone, Ocyan, BES, Millennium BCP, Crescer Ser – Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, Associação Coração Amarelo, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, ÁRIA, Núcleo de Instrução e Beneficência, APOIO, Comunidade Vida e Paz, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Associações de Moradores 18 de Maio e 25 de Abril, Associação Ajuda Internacional, Associação Resgate, Centro Nuno Belmar da Costa, Centro Sagrada Família, Centros Sociais, Centros de Dia, ESSS, Agrupamentos de Escolas, Tetra Pak, Microsoft Portugal, Nestlé Portugal, Grupo Sumol, GFI Portugal, Ericsson, Mota-Engil, Mundicenter, GE Consumer Finance, Cadbury, Securitas, Solinca, Sistemas McDonald's Portugal, Associação Portuguesa de Contact Centers, Merck Sharp & Dohme, ISS Facility Services, Tratolixo, Pfizer, AstraZeneca, Cisco Systems, Lift Consulting, Amgen, Firefly, GlaxoSmithKline, Solplay, Team, Clínica Médica da Linha, Associação Indiveri Colucci, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Miele Portuguesa, Johnson's Wax de Portugal, Kellogg's, BP Portugal, OutCome, Comfort Keepers, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, GL, My Change, Jumbo, C.C. Alegro, Yprod, Sanofi-Aventis, Sair da Casca, Sun Microsystems Portugal, White Airways, Novo Nordisk, Incyte Ativism, Atlas Serviços Criativos, Competir, Johnson & Johnson Medical, Zagope, GE Electronics, Bombas Grunfos Portugal, **OEIRAS SOLIDÁRIA** Tree – Central Business, Izone, Ocyan, BES, Millennium BCP, Crescer Ser – Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, Associação Coração Amarelo, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, ÁRIA, Núcleo de Instrução e Beneficência, APOIO, Comunidade Vida e Paz, Associação dos Amigos da Mulher Angolana, Associações de Moradores 18 de Maio e 25 de Abril, Associação Ajuda Internacional, Associação Resgate, Centro Nuno Belmar da Costa, Centro Sagrada Família, Centros Sociais, Centros de Dia, ESSS, Agrupamentos de Escolas, Tetra Pak, Microsoft Portugal, Nestlé Portugal, Grupo Sumol, GFI Portugal, Ericsson, Mota-Engil, Mundicenter, GE Consumer Finance, Cadbury, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Solinca, Sistemas McDonald's Portugal, Associação Portuguesa de Contact Centers, Merck Sharp & Dohme, ISS Facility Services, Tratolixo, Pfizer, AstraZeneca, Cisco Systems, Lift Consulting, Amgen, Firefly, GlaxoSmithKline, Solplay, Team, Clínica Médica da Linha, Associação Indiveri Colucci, Medimais, Miele Portuguesa, Johnson's Wax de Portugal, Kellogg's, BP Portugal, OutCome, Comfort Keepers, Primus Care, GL, My Change, Jumbo, C.C. Alegro, Yprod, Sanofi-Aventis, Sair da Casca, Sun Microsystems Portugal, White Airways, Novo Nordisk, Incyte Ativism, Atlas Serviços Criativos, Competir, Johnson & Johnson Medical, Zagope, GE Electronics, Bombas Grunfos Portugal, Talenter, Tree – Central Business, Izone, Ocyan, BES, Millennium BCP, Crescer Ser - Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, Associação Coração Amarelo, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, ÁRIA, Núcleo de Instrução e Beneficência, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Associação dos Amigos da Mulher Angolana, Associações de Moradores 18 de Maio e 25 de Abril, Associação Ajuda Internacional, Associação Resgate, Centro Nuno Belmar da Costa, Centro Sagrada Família, Centros Sociais, Centros de Dia, ESSS, Agrupamentos de Escolas, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Microsoft Portugal, Nestlé Portugal, Grupo Sumol, GFI Portugal, Ericsson, Mota-Engil, Mundicenter, GE Consumer Finance, Cadbury, Securitas, Solinca, Sistemas McDonald's Portugal, Associação Portuguesa de Contact Centers, Merck Sharp & Dohme, ISS Facility Services, Tratolixo, Pfizer, AstraZeneca, Cisco Systems, Lift Consulting, Amgen, Firefly, GlaxoSmithKline, Solplay, Team, Clínica Médica da Linha, Associação Indiveri Colucci, Medimais, Miele Portuguesa, Johnson's Wax de Portugal, Kellogg's, BP Portugal, OutCome, Comfort Keepers, Primus Care, GL, My Change, Jumbo, C.C. Alegro, Yprod, Sanofi-Aventis, Sair da Casca, Sun Microsystems Portugal, White Airways, Novo Nordisk, Incyte Ativism, Atlas Serviços Criativos, Competir, Johnson & Johnson Medical, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, GE Electronics, Bombas Grunfos Portugal, Talenter, Tree – Central Business, Izone, Ocyan, BES, Millennium BCP, Crescer Ser – Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, ÁRIA, Núcleo de Instrução e Beneficência, APOIO, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Associação dos Amigos da Mulher Angolana, Associações de Moradores 18 de Maio e 25 de Abril, Associação Ajuda Internacional, Associação Resgate, Centro Nuno Belmar da Costa, Centro Sagrada Família, Centros Sociais, Centros de Dia, ESSS, Agrupamentos de Escolas, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Microsoft Portugal, Nestlé Portugal, Grupo Sumol, GFI Portugal, Ericsson, Mota-Engil, Mundicenter, GE Consumer Finance, Cadbury, Securitas, Solinca, Sistemas McDonald's Portugal, Associação Portuguesa de Contact Centers, Merck Sharp & Dohme, ISS Facility Services, Tratolixo, Pfizer, AstraZeneca, Cisco Systems, Lift Consulting, Amgen, Firefly, GlaxoSmithKline, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Team, Clínica Médica da Linha, Associação Indiveri Colucci, Medimais, Miele Portuguesa, Johnson's Wax de Portugal, Kellogg's, BP Portugal, OutCome, Comfort Keepers, Primus Care, GL, My Change, Jumbo, C.C. Alegro, Yprod, Sanofi-Aventis, Sair da Casca, Sun Microsystems Portugal, White Airways, Novo Nordisk, Incyte Ativism, Atlas Serviços Criativos, Competir, **OEIRAS SOLIDÁRIA**, Zagope, GE Electronics, Bombas Grunfos Portugal, Talenter, Tree – Central Business, Izone, Ocyan, BES, Millennium BCP, Crescer Ser - Casa do Parque, Centro de Alojamento Temporário Tercena, Associação Assomada, Projecto Família Global, Associação Coração Amarelo, Ajuda de Mãe, Grupo Desportivo e Recreativo "A Joanita", Centro Paroquial de Paço de Arcos, Uniões de Reformados e Pensionistas de Algés e Barcarena, Casa da Fonte, Projecto Mãos Dadas para a Vida, Núcleo de Instrução e Beneficência, Izone, Ocyan, **OEIRAS SOLIDÁRIA**

... com o propósito de elevar um sonho.

SUMÁRIO



ESPECIAL OEIRAS SOLIDÁRIA



ENTRE NÓS



A DOIS



PROJECTOS DA AUTARQUIA

I
INEVITÁVEL 04

E
ENTRE NÓS 08

D
A DOIS 20

C
CRÓNICA 27

P
PROJECTOS DA AUTARQUIA 30

E
ESPECIAL OEIRAS SOLIDÁRIA 36

©
OEIRAS IMAGINÁRIA 48

I
INOVAÇÃO 56

I
INESQUECÍVEL 62

C
CRÓNICA 68

A
ARTE DO SABOR 69



ESSE É O PROPÓSITO DO PROGRAMA OEIRAS SOLIDÁRIA, JUNTAR OS ESFORÇOS DE TODOS E AJUDAR TODOS OS QUE PRECISAM.



EDITORIAL

Outono 2010

Nesta edição da Oeiras em Revista, damos especial atenção ao Programa Oeiras Solidária, uma parceria entre a Câmara Municipal de Oeiras, Instituições de Solidariedade Social e Empresas Parceiras, lançada em 2004.

Talvez se fale hoje do tema solidariedade, como poucas vezes se tenha falado anteriormente. Isto porque vivemos um tempo paradoxal. Por um lado, a ciência e o seu “braço armado”, a tecnologia, chegaram a lugares dificilmente imaginados, criando mundos novos que se vieram acrescentar aos conhecidos a uma velocidade assustadoramente vertiginosa, com o conhecimento seguinte a atropelar o conhecimento anterior e assim sucessivamente. Ao mesmo tempo, subsistem desigualdades gritantes, dificuldades que começam a parecer cada vez mais um anacronismo perante o actual estado de evolução da espécie humana. O progresso sempre fez as suas vítimas, costuma-se dizer, mas talvez seja altura de tomarmos uma atitude séria e definitiva sobre o assunto: será a pobreza extrema de algum modo admissível, tolerável? Se a podemos erradicar, porque não o fazemos? Não deve ser esse sentido de vida, de natureza e espírito, de alma colectiva, o primeiro dos pilares da nossa existência?

A resposta só pode ser sim. E todos temos de o fazer. Lutar contra a desigualdade e promover a solidariedade não é um departamento, não é uma secção, não é um sector, não é uma tarefa de que este ou aquele possam ficar incumbidos. É uma missão que conta com todos e cada um de nós. Esse é o propósito do Programa Oeiras Solidária, juntar os esforços de todos e ajudar todos os que precisam. Por isso, estamos ao lado das empresas e instituições do Concelho num esforço efectivo e direccionado para resultados concretos, com projectos globalmente coordenados. A lista de parceiros, beneficiários e acções é extensa e pode ser consultada aqui, de forma genérica. Mas, mais importante que tudo, são as sinergias que se têm criado no aproveitamento das diferentes disponibilidades e vontades, permitindo ao Oeiras Solidária crescer continuamente, ao longo dos anos, sempre com mais parceiros e mais projectos. E, assim, podemos

hoje dizer que no nosso Concelho a responsabilidade social há muito que deixou de ser uma intenção e passou a ser, de facto, uma presença constante na vida da comunidade. Em Oeiras, a solidariedade não se fala, pratica-se.

Esta visão holística da sociedade, orientada para o desenvolvimento integrado e partilhado, é, portanto, um princípio orientador da nossa actividade quotidiana. Dia a dia, a Câmara Municipal de Oeiras trabalha para aprofundar a coesão social, dinamizando projectos que são reconhecidos como de grande valia para o bem-estar dos mais idosos, dos mais desfavorecidos, dos mais necessitados. Temos o Oeiras Está Lá, a TeleAssistência, o Oeiras Combus, as tarifas sociais dos SMAS, enfim, uma série de iniciativas directamente ligadas à acção social. Mas temos, ainda assim, a perfeita consciência de que esta não se pode restringir a si própria. Pelo contrário, entre nós, a acção social faz-se também no domínio da educação, com o constante apoio às creches e jardins de infância, na saúde, com o investimento nos equipamentos de proximidade, como centros de saúde e residências assistidas, na cultura e no desporto, com os mais diversos projectos que promovem a integração social, no ambiente, na segurança, na reabilitação urbana, numa palavra, em toda e qualquer actividade temos sempre a mesma preocupação: partilhar para integrar, integrar para partilhar. Mais do que uma qualquer vaidade, é o reconhecimento deste esforço que nos enche de orgulho e, por isso, temos recebido os mais variados prémios com a convicção de que estamos no caminho certo. Fomos considerados o Melhor Concelho para Trabalhar, em dois anos consecutivos, fomos recentemente distinguidos como o Melhor Concelho para Estudar e, no passado dia 22 de Setembro, foi-nos atribuído o galardão de Município Familiarmente Responsável. São sinais evidentes de que somos, de facto, um Concelho especial, um espaço que olha para as pessoas e se preocupa com as pessoas, uma comunidade que acredita em si e se valoriza a si, que trabalha e sabe trabalhar em conjunto. Por princípio, por convicção, por acção, somos assim. Somos solidários.

ISALTINO MORAIS } Presidente da Câmara

FICHA TÉCNICA

Director
ISALTINO MORAIS

Direcção Executiva
ELISABETE BRIGADEIRO

Editor
CARLA ROCHA

Textos
CARLA ROCHA
SÓNIA CORREIA
CARLOS VAZ MARQUES
LUÍS MARIA BAPTISTA
RAQUEL CARRILHO
ANA PAULA JARDIM
NUNO CAMPILHO
MANUEL MACHADO

Fotografia
ALBÉRICO ALVES
CARLOS SANTOS
CARMO MONTANHA
LUÍS MARIA BAPTISTA
DIOGO CASTRO GUIMARÃES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO,
ACÇÃO SOCIAL E DESPORTO
DEPARTAMENTO DE PROJECTOS ESPECIAIS

Execução
GABINETE DE COMUNICAÇÃO

Concepção gráfica e paginação
FORMAS DO POSSÍVEL (www.formasdopossivel.com)

Execução de postais
WHITE RABBIT

Propriedade
MUNICÍPIO DE OEIRAS

Impressão
SOGAPAL

Tiragem
20.000 Exemplares

Registo
ISSN 1646-5970

Depósito Legal
86817/95

Distribuição Gratuita

Contactos
LARGO MARQUÊS DE POMBAL
2784-501 OEIRAS
TEL. 214 408 300
ELISABETE.BRIGADEIRO@CM-OEIRAS.PT
CROCHA@CM-OEIRAS.PT
WWW.CM-OEIRAS.PT

VOZES DO FADO 2010

SILÊNCIO, QUE EM OEIRAS SE VAI CANTAR O FADO!

"Fado é tudo o que acontece. Quando se ri ou se chora, quando se lembra ou se esquece. Quando se odeia ou se adora. É ter um jeito de artista para moldar o Fado à voz. O fado de ser fadista é a sina de todos nós."

Ricardo Ribeiro

Quatro vozes, quatro artistas que em comum têm a alma de fadista e que, imprimindo os seus estilos pessoais e inconfundíveis, marcam presença em Oeiras e em Carnaxide em mais uma edição "Vozes do Fado". Silêncio! Porque, depois de Carminho e Rodrigo, é a vez de Joana Amendoeira e Ricardo Ribeiro partilharem a sua maneira única de entender, de sentir e de cantar o Fado!

O ciclo "Vozes do Fado" iniciou-se no mês de Setembro, no Auditório Eunice Muñoz, em Oeiras; e prolonga-se no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, em Carnaxide, onde Joana Amendoeira e Ricardo Ribeiro presentearão a plateia com uma noite onde o fado canta mais alto, dias 15 e 22 de Outubro, pelas 22h00.

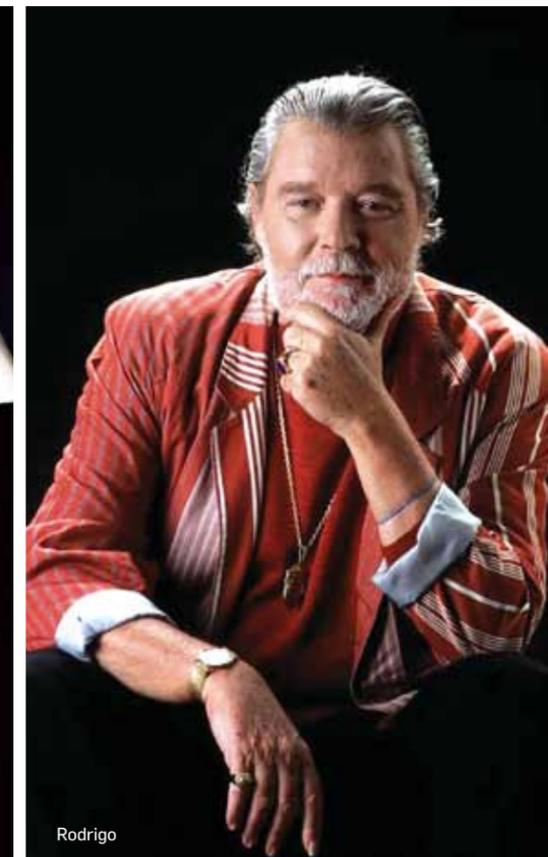
"Vozes do Fado 2010" não poderia deixar de acontecer em Oeiras! No fundo, é a sina de uma terra apaixonada por este género musical, tipicamente lisboeta e de índole tradicionalmente plangente e fatalista. Nos últimos anos, o Fado tem granjeado um crescente número de apreciadores, agregando às gerações mais antigas, ouvintes das mais novas gerações. Para tal, tem contribuído a força das novas vozes que vão surgindo e introduzindo, por conseguinte, diferentes formas de o abordar.



Carminho



Joana Amendoeira



Rodrigo



Ricardo Ribeiro

OS ARTISTAS

Carminho, ou Carmo Rebelo de Andrade, começou a cantar aos 12 anos no espaço dos seus pais, a Taverna do Embuçado, em Alfama, e talvez por isso o Fado lhe seja tão natural e espontâneo como o próprio respirar. "Fado", álbum de estreia, lançado em 2009, tem merecido os mais rasgados elogios e alcançou entrada directa para o segundo lugar da tabela de vendas nacional.

Rodrigo, detentor de uma das vozes mais populares do Fado Tradicional, conta já com 37 discos gravados (entre LPs, EPs e CDs) e quase 50 anos de carreira. Prepara-se para lançar um novo

álbum, inspirado no seu espectáculo "50 anos de palco". Acompanhado por um trio tradicional de fado (guitarra, viola e baixo), convida-nos a entender o fado na sua essência, numa viagem pelos grandes fados tradicionais e alguns dos grandes êxitos do seu repertório.

Joana Amendoeira, acumula dez anos de carreira, sete discos em nome próprio, diversas participações noutros projectos musicais e uma mão cheia de grandes concertos espalhados pelo mundo fora, em algumas das mais importantes e prestigiadas salas nacionais e internacionais. No espectáculo, a fadista oferece uma reflexão so-

bre o seu percurso, numa viagem onde a chegada é sempre um ponto de partida.

Ricardo Ribeiro, natural de Lisboa, estreou-se em público, pela primeira vez, aos 12 anos na Académica da Ajuda. Com as maiores referências em Fernando Maurício e Manuel Fernandes, efectua um percurso em que para além das actuações nas tradicionais casas de fado estabelece parcerias com músicos internacionais, designadamente com Rabih-Abou-Khalil, merecendo fortes elogios da crítica internacional. Participou no espectáculo "Cabelo Branco é Saudade" e integrou o elenco do filme "Fados", do realizador Carlos Saura.

EM CARTAZ

CARMINHO

17 de Setembro (6ª Feira)
Auditório Eunice Muñoz - Oeiras

RODRIGO

24 de Setembro (6ª Feira)
Auditório Eunice Muñoz - Oeiras

JOANA AMENDOEIRA

15 de Outubro (6ª Feira)
Auditório Ruy de Carvalho - Carnaxide

RICARDO RIBEIRO

22 de Outubro (6ª Feira)
Auditório Ruy de Carvalho - Carnaxide

PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Oeiras

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Segunda a Sexta - 14h00 às 19h00
214 408 582 / 24
paulo.afonso@cm-oeiras.pt
www.cm-oeiras.pt

INÍCIO DOS CONCERTOS

22h00

BILHETEIRA

Preço dos bilhetes:
7,50 € (plateia e balcão)

LOCAIS DE VENDA

Auditório Municipal Eunice Muñoz
(Tel. 214 408 411): dias do espectáculo, a partir das 15h00;

Auditório Municipal Ruy de Carvalho
(Tel. 214 170 109): dias do espectáculo, a partir das 15h00;

Loja de divulgação e informação municipal,
no Centro Comercial Oeiras Parque:
Diariamente, entre as 10h00 e as 20h00;

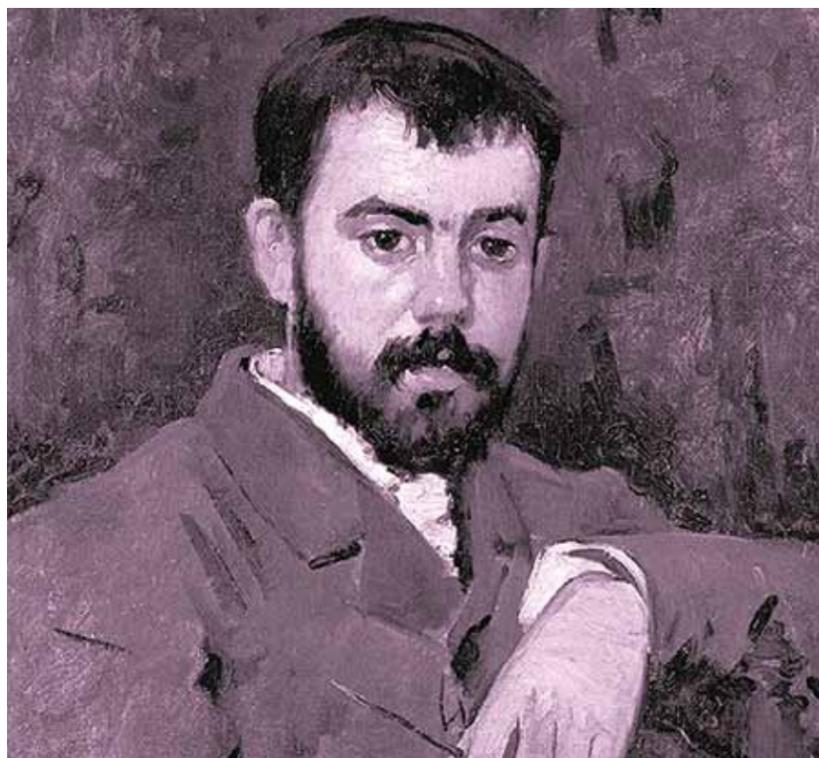
CAMB – Centro de Arte Manuel de Brito (214 111 400):
de 3ª Feira a Domingo, das 12h00 às 18h00;

Lojas Fnac; Agências Abreu; Lojas Worten; Pontos Megarede;
C.C. Dolce Vita; El Corte Inglés;

www.ticketline.pt (Reservas: 707 234 234)

I SABINA FREIRE DE MANUEL TEIXEIRA GOMES

EM CENA DE 7 DE OUTUBRO A 12 DE DEZEMBRO
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS | 21H30 | DOMINGOS - 16H00



Em ano comemorativo dos 150 anos do nascimento de Manuel Teixeira Gomes, o Auditório Municipal Eunice Muñoz recebe uma das obras maiores da Dramaturgia Portuguesa. Sabina, uma mulher esplêndida e sensual que vive em Paris; Júlio Freire, um poeta lunático pelo qual Sabina se enamora e contrai matrimónio. Após o casamento, e em situação de falência, decidem rumar ao Algarve, por falta de melhor alternativa, mais precisamente até casa de Maria Freire, mãe de Júlio. D. Maria Freire é uma fidalga de província, conservadora e austera. Vive rodeada de bajuladores e, para além da luta que se trava entre estas duas mulheres que se odeiam mutuamente, todos acabam por entrar em conflito com Sabina Freire. Esta comédia, escrita em 1906, é a única obra teatral de Manuel Teixeira Gomes e serviu de pretexto para criticar a mesquinha sociedade portuguesa da época. Ele próprio, um intelectual de elevada estatura, estadista, escritor e, também, Presidente da República entre 1923 e 1925, acabaria, na sua vida privada, por ser vítima dessa mesma sociedade. Sabina Freire será apresentada pelo Centro de Artes Dramáticas de Oeiras e conta com o Alto Patrocínio de Sua Excelência O Presidente da República, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva e com a chancela oficial da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO E CENOGRAFIA:
Celso Cleto

ELENCO: Sofia Alves; Manuela Maria; Alberto Villar; Fernando Ferrão; Heitor Lourenço; Igor Sampaio; Pedro Loureiro; Ricardo Castro; Rita Cleto; Vítor de Sousa

VERSÃO: Armando Nascimento Rosa

PRODUÇÃO: DRAMAX - Centro de Artes Dramáticas de Oeiras; Rosa de Sousa; Sandra Antunes

CO-PRODUÇÃO: Câmara Municipal de Oeiras

FIGURINOS: Paulo Julião

IMAGEM GRÁFICA: João Córias

DESENHO DE LUZ: João Fontes

CONSTRUÇÃO CÉNICA: José António; Tiago Pedro

EQUIPA TÉCNICA: Tiago Pedro; Marco Silva; José António

APOIOS: Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, com a chancela oficial da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

INFORMAÇÕES

RESERVAS
960 272 519 . 932 025 651
paulo.afonso@cm-oeiras.pt
dramaxproducoes@gmail.com

BILHETEIRA
Preço dos bilhetes:
10,00 € (plateia e balcão)

LOCAIS DE VENDA
Auditório Municipal Eunice Muñoz
(tel. 214 408 411): dias de espectáculo,
a partir das 14h00;

Loja de divulgação e informação municipal,
no Centro Comercial Oeiras Parque:
diariamente, entre as 10h00 e as 20h00;

CAMB - Centro de Arte Manuel de Brito
(tel. 214 111 400): de 3ª Feira a Domingo,
das 12h00 às 18h00;

Lojas Fnac; Agências Abreu; Lojas Worten;
Pontos Megarede; C.C. Dolce Vita; El Corte
Inglês;

www.ticketline.pt
(Reservas: 707 234 234).



I CORRIDA DO TEJO, A CORRER HÁ 30 ANOS!

A 30.ª Edição Corrida do Tejo está prestes a ser celebrada! Aprese o passo, preserve o fôlego e, no próximo dia 24 de Outubro, venha correr connosco!

Ao fim de trinta anos de existência, o sucesso de uma iniciativa subtrai qualquer dúvida. Os anos comprovam-no, os milhares de participantes testemunham-no. Assim, é com orgulho que a Câmara Municipal de Oeiras e a American Nike, organizadores do evento, se juntam para mais uma festa desportiva à beira-mar e celebram o seu 30.º aniversário.

Entre os milhares de desportistas, encontrar-se-ão alguns dos melhores atletas nacionais, corredores habitués da Avenida Marginal, isto é, da pista oficial Corrida do Tejo. Uma pista composta por 10 km de extensão, com linha de partida em Algés e meta em Oeiras, e por uma inspiradora vista panorâmica sobre o Tejo!

Para os mais exigentes e também para os mais receosos da sua condição física, serão disponibilizados treinos de preparação, que terão lugar na Sport Zone do Oeiras Parque, aos Sábados, nos dias 25 de Setembro, 2, 9 e 16 de Outubro, pelas 10h00.

INFORMAÇÕES

Câmara Municipal de Oeiras
Divisão do Desporto
Tel. 214 408 540

VALOR DE INSCRIÇÃO
de 3 a 30 de Setembro . 12 €
de 1 a 20 de Outubro . 16 €

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

Câmara Municipal de Oeiras
Divisão de Desporto - Edifício Atrium
Sport Zone (Cascais Shopping, Almada Fórum,
Colombo, Oeiras Parque, Vasco da Gama)
Nike (Vasco da Gama, Almada Fórum)
The Athlete's Foot (Alegro)
El Corte Inglés (Lisboa)

LUIZ MELO

COM A CABEÇA NA LUA
E OS PÉS NO CHÃO

CARLA ROCHA } *Texto* CARLOS SANTOS } *Fotografias*



Luiz Melo é o Director Municipal das Obras e Ambiente, que é o mesmo que dizer que debaixo da sua alçada possui mais de metade dos funcionários da Câmara Municipal de Oeiras e quase metade da totalidade do orçamento da autarquia. Uma responsabilidade imensa, mas ao conhecermos melhor o percurso deste Engenheiro Civil de formação percebemos que todos os passos foram dados de forma a consolidar o seu caminho e a ser, nos dias de hoje, o homem certo no lugar certo. A sua vida profissional parece pura geometria descritiva: o encadeamento perfeito do ponto para a linha e da linha para o plano. De uma sinceridade desconcertante, Luiz desnuda-se nesta entrevista e afirma que não obstante de ter de ser pragmático quer continuar a ter a cabeça na lua e os pés no chão. Tudo para que sempre que sonha com esta Oeiras possa, de seguida, colocar o sonho em prática.

Tenho de começar a entrevista por lhe perguntar o porquê de Luiz com 'z'? Já não é muito usual nos dias de hoje.

Não se esqueça que já sou do século passado (risos). Já passei os cinquenta e “nesses tempos longínquos” era usual o Luiz ser com ‘z’. Luiz Vaz de Camões era com ‘z’, por exemplo... bem, embora eu não seja tão antigo quanto Camões.

Estudou em Coimbra, era de perto?

Sim, eu nasci no Luso. Meus pais viveram lá uns tempos e todos nós nascemos no Luso.

Quando diz 'todos nós' refere-se a quantos?

Bem eu sou filho único o resto são irmãs.

Então é o mais mimado?

Sim, reconheço que tive alguns privilégios por ter sido o único rapaz, um dos privilégios foi ter um quarto só para mim.

E voltando aos estudos, quando é que se dá a sua ida para Coimbra?

Eu faço a primária no Luso e depois o liceu e a faculdade faço em Coimbra.

Porque optou por engenharia civil? Tinha alguém na família?

Não, não tinha ninguém. Se quer que lhe diga nem sei explicar muito bem o porquê. Creio que ao longo da minha vida profissional fui percebendo o porquê. O meu subconsciente lá saberia o motivo desta opção que consigo explicar melhor já no decorrer da minha vida profissional. Por altura do meu sétimo ano do liceu tive a oportunidade de fazer um teste de orientação profissional que me deu diversas engenharias menos a civil (risos), arquitectura e direito e eu optei por ir para engenharia civil.

Levou muito a sério o teste?

Pois, sou um rapaz muito obediente (risos).

Depois do curso foi trabalhar para a Câmara de Santiago do Cacém. Há em si a vontade de servir, de se entregar à causa pública? Porque tem estado sempre muito ligado às câmaras.

Aqui estamos mais uma vez a falar do meu subconsciente, porque efectivamente não foi de uma forma consciente. Eu quando acabei o curso fi-



quei na câmara de Coimbra a fazer um estágio, mas como estava numa câmara de grande dimensão, aquilo que podia aprender era uma parcela muito pequena daquilo que pretendia e então tive três oportunidades de mudar: fui para aquela que era mais longe de casa e aquela que pagava menos. Mas fiz a opção de ir para o Alentejo porque percebi o que ia fazer e que iria trabalhar num leque mais alargado, iria aprender mais, na verdade era mais aliciante.

No fundo foi uma mudança tendo em conta uma perspectiva de futuro?

Sim, foi isso mesmo. Fui e foi uma boa opção porque era uma câmara muito dinâmica. Estando na Área de Sines que se encontrava em grande desenvolvimento, era uma câmara que estava a crescer muito, aliás, nessa altura – a nível do Alentejo - só era igualável, em termos de crescimento, às capitais de distrito. Fui encontrar um corpo técnico que já tinha alguma dimensão

e uma organização que não se via na chamada província.

Foi deveras importante para a consolidação do seu conhecimento?

Foi muito importante. Deu-me uma base extraordinária para o futuro.

De que anos estamos a falar?

Do início dos anos oitenta.

Quanto tempo esteve em Santiago do Cacém?

Fui para lá em 1981 e mantive-me por lá até aos fins dos anos oitenta. Mas entretanto ainda fui à tropa e voltei e nem imagina onde fiz a tropa: em Oeiras.

O seu primeiro contacto com Oeiras dá-se na tropa?

Não. Quando estava em Santiago conheci uma

pessoa que vem a ser a minha mulher e que era desta zona, ou seja, é com ela que eu tenho a primeira ligação a Oeiras e curiosamente na tropa sou aqui colocado.

Era um prenúncio.

Coincidências interessantes da vida.

Esse período de tropa, que na altura era sensivelmente ano e meio, não veio a empatar, a bloquear o andamento da sua vida profissional?

Veio e foi, talvez, o meu maior desgosto a nível profissional, porque estava há pouco tempo na Câmara quando me deram um lugar de responsabilidade e como já disse, era uma câmara com alguma dimensão, e quando me dão a responsabilidade de chefiar os serviços técnicos da câmara e passado pouco tempo tenho de ir para a tropa, senti que foi um corte brutal. No entanto tive sorte porque a câmara teve, para comigo,



uma atitude espectacular e o lugar ficou à minha espera até eu voltar.

E como é que conseguiu, depois de terem sido tão simpáticos consigo, dizer 'Adeus vou para Oeiras'.

Isso não foi logo. Ainda lá estive alguns anos e tentei nesses anos 'pagar' alguma dívida, embora não se paguem este tipo de dívidas, mas procurei, sempre, não ser ingrato ao que de mim esperavam. Só que a dada altura senti que queria ter outros desafios e procurei uma outra câmara.

Porquê Câmaras?

Já só queria câmaras.

Não queria ter o seu atelier?

Não, de todo, não. Gosto do que se pode fazer numa câmara. Também não digo que todas sejam boas, mas uma autarquia que tenha visão é muito aliciante para quem nela trabalha. E então, procurei perceber para onde poderia ir e percebi que nos fins dos anos oitenta Oeiras começava a destacar-se das outras autarquias. Senti que estava a "mexer" e seria uma boa oportunidade profissional para mim vir para esta câmara. E a dada altura a câmara coloca um anúncio a pedir um engenheiro civil para constituir uma equipa para a elaboração do Plano Director, para mim foi o "três em um": vir para esta zona, vir para uma câmara que estava a mexer e vir fazer o trabalho que muito gostava.

Isto porque na Câmara de Santiago já estava ligado ao Planeamento e Plano Director?

Exacto e queria manter-me nesse trabalho. E então deixei de ser chefia e vim para esta câmara como técnico.

E foi fácil entrar na Câmara de Oeiras?

Eu achava que não entrava porque não conhecia cá ninguém, nem sabia se eram muitos ou poucos a concorrer. Depois vim a saber que concorreram muitos, mas fui eu que entrei.

Veio para a Câmara e foi crescendo cá dentro e hoje é Director Municipal de Obras e Ambiente e a ideia que tenho é que esta direcção é enorme, gigante, é um chapéu imenso.

É um chapéu mas às vezes chove lá dentro (risos).

E qual é o segredo, delegar?

Esta direcção municipal é realmente muito grande e muito diversificada. Tanto fazemos obras de grande dimensão como o Passeio Marítimo, a Marina de Oeiras ou o Parque dos Poetas como de repente temos de resolver a rede de rega que está a mandar água para a estrada, ou de uma árvore que tem uma pernada que incomoda um vizinho e há um vizinho que quer que se corte e outro que não quer. Problemas na recolha do lixo. Ou um buraco na estrada ou uma lâmpada fundida, ou seja, é muita gente a gerir, muito dinheiro envolvido; a palavra aqui é 'muito', porque é tudo em grande dimensão.

Não receia que sendo uma direcção tão grande haja alguma área que descure de alguma forma?

Creio que só quando deixar de ter este lugar é que vou conseguir perceber com maior rigor os erros que cometi. Preciso de tempo e de distância para verificar isso mesmo. Quando deixei de ser chefe no Alentejo e vim para cá, essa distância permitiu-me ver erros que tinha cometido. Quando estamos no meio da floresta nós vemos as árvores e não a floresta. Claro que temos a obrigação de nos afastarmos e tentarmos ver a floresta, mas enquanto estamos dentro, no âmago, temos sempre uma visão um pouco distorcida. Mas faço esse esforço.

Não tem tendência para estar mais presente ou mais próximo das áreas que são as suas áreas de formação por exemplo, ver melhor as obras e menos o ambiente?

Sim, seguramente. Mas é natural que quando uma pessoa domina mais uma área tenda mais para ela do que para outras. Até porque é mais solicitado para ela. Mas eu tento compensar esse desequilíbrio natural e faço um esforço de forma a torná-lo quase inexistente.

Como é que lida com esse desequilíbrio? Chega a casa e leva a cabeça cheia, faz desporto ou afoga as mágoas no seu hobby Panda TT?

(risos) Esses hobbies são fundamentais. Tão fundamentais que às vezes são esses momentos que nos levam o pensamento para muita coisa séria e que nos faz, muitas vezes, às segundas-feiras, inflectir algo. E isso é muito importante para o



Da esquerda para a direita:
Arqt.ª Graça Sá Dantas (DEP)
Eng.ª Cristina Infante (DIM)
Arq. Alexandre Lisboa (DEV)
Eng. Nuno Patrão (DTT)
Carlos Nunes (DOM)
Eng. Carlos Elvas (DEM)
Eng. Luiz Melo (DMOA)
Dra. Zalina Campilho (DAE)
Eng. Nuno Guerreiro (DVM)
Alexandra Silva (DAE SA)
Dr. António Batista (DAPFS)
Dra. Ana Sofia Guerreiro (DSU)

serviço. Aliás, seria desejável que fosse prática mais corrente, para além de algum tempo livre para a prática de alguns hobbies porque para além de ajudar ao equilíbrio para os próprios funcionários também é muito importante para a organização onde se inserem.

E gerir pessoas? Esta é a direcção com mais pessoas da Câmara, quantos são?

Já passamos dos mil, somos mais de metade da câmara.

E como consegue gerir tantas pessoas? Não é o mais complicado de todo o seu trabalho?

É. Há pouco quando estávamos a falar da minha formação profissional eu, como se sabe, fui para engenharia civil, mas quando comecei a chefiar arquitectos e paisagistas senti necessidade de ter alguma formação em arquitectura e paisagismo senão não conseguia dialogar com esses técnicos. Mais tarde pensei: 'eu preciso saber direito' e depois senti necessidade de saber alguma coisa de gestão. E hoje sinto que o mais importante é saber mais psicologia. Se soubesse metade de engenharia, como gestor, já me chegava e se tivesse maiores conhecimentos em psicologia, ser-me-ia muito útil. Porque se tivesse essa formação

em psicologia, sei que teria uma relação com as pessoas diferente. E neste campo certamente que falho.

Você tem uma área de grande importância até para o poder político, porque é uma área muito visível. Mexe com o território naquilo que é mais visível no nosso dia a dia: o lixo, os jardins, as obras... tem essa noção ou nem sequer pensa nesse peso, nessa responsabilidade?

Eu tenho essa noção, mas sinceramente isso é o que me dá mais gozo, é sentir que aquilo que fazemos interessa às pessoas. Por exemplo, eu passo hoje pelo território de Oeiras e sinto a minha intervenção, ou seja, a minha cota de responsabilidade entre tantas outras pessoas. Sinto que o meu curriculum já não é só aquilo que está no papel, mas tudo aquilo que sinto quando vejo este território de Oeiras e tudo o que nele se alterou nestes vinte anos. Sinto essa responsabilidade de que falou mas é uma responsabilidade intercalada com orgulho.

Atingiu-se um patamar de qualidade que fez com que os municípios se tornassem cada vez mais exigentes.

É verdade.

E de tal forma estão habituados a um nível de qualidade que já não permitem que se desça. Têm de estar sempre na 'crista da onda' como se costuma dizer.

Pois, mas essa exigência só é boa para nós porque temos de crescer cada vez mais em qualidade e não em quantidade. E quando vamos a outros locais e vemos coisas que não gostamos e dizemos: "isto em Oeiras não se passa", percebemos que não se passa também porque os municípios são exigentes. E temos de ter em conta o nível exigido pelos municípios porque eles são os "accionistas" desta casa.

Tem tendência a sair do seu gabinete e percorrer o concelho a ver se está tudo bem?

Claro. Muitas vezes se tenho de ir a determinado sítio, pego no carro e vou por caminhos diferentes para verificar se tudo está bem.

E quando vê algo que não lhe agrada, tem mau feitio?

Tenho. Hoje o tempo e a idade trouxeram-me uma outra tolerância, mas sei que tenho mau feitio. Há certamente explicações para isso, e uma dessas explicações é que fui chefe muito cedo e ao ser chefe muito cedo não me permitiu crescer o suficiente como técnico, porque tive que ir à "estufa"



Temos de crescer cada vez mais em qualidade e não em quantidade. E quando vamos a outros locais e vemos coisas que não gostamos e dizemos: "isto em Oeiras não se passa", percebemos que não se passa também porque os munícipes são exigentes. E temos de ter em conta o nível exigido pelos munícipes porque eles são os "accionistas" desta casa.

crescer muito depressa; creio que isso criou em mim algumas deturpações que me levou a ter um pouco de mau feito. Sei disso e tento corrigir, mas que posso dizer mais?

Oeiras é conhecida por diversas coisas, mas uma delas são os seus espaços verdes devidamente tratados. No entanto, com a entrada de empresas de tratamento de espaços verdes veio baixar o nível de qualidade a que estávamos habituados. Foi uma questão financeira?

O que está a dizer é verdade mas temos de equacionar como é que se chegou a este ponto. Ou seja, a dada altura começamos a fazer jardins por todo o lado, o crescimento foi brutal, não esquecer que temos mais de 200 hectares de área verde tratada, o que é muito. E como a câmara criou tantos espaços verdes realizados pelos jardineiros da câmara, com a "prata da casa" depois foi necessário a manutenção, que tem de ser diária. Com o crescimento da "área verde tratada" teve

de vir o crescimento do factor manutenção, e era impossível para nós crescermos tanto. Ou seja, criou-se um problema de escala. E tivemos de pensar em soluções. Uma das hipóteses era, à medida que os espaços verdes cresciam, crescer a estrutura de manutenção e agora imagine para que números iríamos. Então entendemos recorrer ao *outsourcing*. Mas isso não quer dizer que a prazo não voltemos a tratar dos nossos jardins com os funcionários da autarquia, mas para isso temos de preparar a nossa estrutura. A nossa estratégia foi fazer a manutenção através de empresas, mas a construção dos espaços verdes ser feita internamente. Mas este é um problema que tem retorno, basta que nos preparemos para crescer em termos de funcionários.

E acha que é viável, tendo em conta a situação económica que o País vive e as ordens da Administração Central para que haja cortes a nível financeiro?

As regras de gestão da Administração Públi-

ca não são fáceis. Posso estar a ser injusto para quem é gestor na privada, mas com os meios que nos temos na Administração Pública é muito complicado.

Temos de fazer mais por menos.

E temos poucos instrumentos para premiarmos os melhores, ou seja, o leque de instrumentos é muito, muito reduzido. Estamos limitados, logo à partida, no que diz respeito às remunerações. Nós temos bons jardineiros e um bom jardineiro que esteja cá é muito pelo amor à camisola, porque se ele for para o privado ganha mais. Os bons e os muito bons são muito aliciados para a privada. Eu gostava e muito, que fossemos nós a fazer a construção e manutenção do espaço público, mas teríamos que encontrar um modelo, diferente deste, para que isso acontecesse.

E relativamente à recolha de lixo. As pessoas que tinham os caixotes à porta queixaram-se quando os mesmos lhes foram retirados, isto em algumas partes do concelho. É também um problema de gestão?

Eu percebo que para as pessoas, quanto mais perto está o depósito do lixo, menos andam, logo é melhor. Acontece que o concelho cresceu e como tal, não podemos fazer nos dias que correm a recolha do lixo como fazíamos há dez ou quinze anos. Temos de adequar a realidade aos meios existentes. E nunca podemos esquecer que ao gerir, estamos a gerir dinheiros públicos. E é verdade que as pessoas podem ter de andar um pouco mais para deitar o lixo no contentor, mas desta forma nós podemos ser muito mais eficazes. Já não temos de ir com os camiões tão próximos de determinada zona. Não temos de ir tantas vezes e é mais higiénico. O objectivo é crescermos em contentores enterrados, nomeadamente as ilhas ecológicas. Ao termos um menor número de contentores mas de maior dimensão, torna-se a recolha mais racional e mais exequível. Tem de haver uma mudança de mentalidades e isto requer um esforço maior por parte das pessoas e temos consciência disso mesmo.

E em termos de reciclagem? Já estamos num concelho com grandes preocupações ecológicas?

Ainda acho que estamos aquém do que devíamos, mas se virmos ao nível da Grande Lisboa,

nós somos os que mais reciclamos. Mas eu não quero comparar e sentir que estamos bem, porque para mim e neste campo específico, o copo está meio vazio. Mas deixe-me dizer-lhe que esta área é muito sensível, porque se ninguém quer o contentor longe da porta, também não o querem à porta. É uma área muito sensível de gerir.

Aqui está a necessidade de ser psicólogo! (risos) Dava mesmo muito jeito.

E você faz reciclagem?

Faço. Tenho lá os vários compartimentos; só não sei como produzo tanto papel.

Não sabia que há coisas que crescem em casa?

Pois é, mas é algo impressionante o que se passa com o papel que existe em minha casa. De tal forma que tive de arranjar um caixote maior do que os normais de reciclagem para conseguir colocar todo o papel que vou acumulando.

Vamos dar um saltinho às obras que, imagino eu, leve muito do orçamento total de toda a Câmara.

Sim, esta Direcção Municipal tem mais de metade dos funcionários da autarquia e quase metade da realização orçamental da câmara. Os funcionários, na sua maioria, são dos espaços verdes e recolha e a verba é sobretudo das obras.

Isso tem lógica até porque temos no concelho obras de grande dimensão. Há alguma que o tenha apaixonado de uma forma especial?

(pausa) Quando ouço entrevistas onde fazem esta pergunta e vejo que muitos têm dificuldade em responder eu penso: mas que raio, há-de haver uma. E curiosamente, ao fazer-me essa pergunta eu estou um pouco como eles. Há várias obras que me marcaram e todas elas por motivos diversos. Por exemplo, fazer o Parque dos Poetas marca uma pessoa de uma forma impressionante. A este nível posso falar do Porto de Recreio de Oeiras e do Passeio Marítimo. Mas depois há intervenções mais pequenas que têm um peso muito grande. Por exemplo, a intervenção que se fez recentemente na Quinta Real de Caxias, e que é uma intervenção de menor dimensão orçamental mas que teve para mim uma importância muito



grande, porque foi feita num curto espaço de tempo e envolvendo diversos serviços, com uma boa vontade impressionante por parte de todas as pessoas envolvidas e onde eu nem tive de ter uma intervenção muito grande. E isso para mim foi muito importante, porque senti que podia afastar-me mais, estar quase só a assistir e verificar que toda aquela intervenção se fez de uma forma exemplar. Deu-me gozo porque senti que a "máquina" estava muito bem oleada.

A segunda fase dos Parque dos Poetas já começou. Esta obra toca os sentidos.

É uma obra muito bela e única. E não quero estar a exagerar, mas nas próximas décadas vai ser difícil fazer-se algo deste género. Num concelho na área de Lisboa, fazer-se um parque urbano de 25 hectares de espaço verde não será fácil.

Principalmente porque estamos a falar de 25 hectares no coração de Oeiras.

E isso é bom que as pessoas reflitam. Temos de saber se queremos qualidade ou não e se queremos qualidade temos de ter espaços verdes e abdicar de alguma construção.

Quando é que prevêem a conclusão do Parque dos Poetas?

Daqui a dois anos e meio.

E valores?

São trinta milhões de euros. São valores muito



Estamos a iniciar o estudo para a marina em Paço de Arcos. A de Oeiras é um sucesso, já percebemos que há público para aquele tipo de embarcação.

grandes e que não podemos ultrapassar porque estamos num controle muito grande de custos.

E a terceira fase do Passeio Marítimo?

Olhe, essa é uma obra que quando estiver concluída vai dar-me uma grande satisfação.

E é mesmo possível chegar até Algés?

Tanto o é que vai chegar.

Mas como pensam contornar a zona de Paço de Arcos que possui a reentrância da Escola Náutica?

Estamos a iniciar o estudo para a marina em Paço de Arcos. A de Oeiras é um sucesso, já percebe-

mos que há público para aquele tipo de embarcação. E como estamos a desenvolver os primeiros estudos da marina em Paço de Arcos tivemos de interromper o Passeio Marítimo nessa zona. E temos de ter em atenção porque não podemos fazer um Passeio Marítimo dissociado do que será a marina. Mas enquanto estamos a estudar a marina, não estamos parados relativamente ao Passeio Marítimo porque a terceira fase vai arrancar brevemente e que vai da Giribita até ao Dafundo. Depois é fazer a ligação.

Não há um esquecimento da zona norte do concelho de Oeiras?

Deixe-me responder-lhe com uma provocação,



O que se faz hoje deve ser diferente do que se fez há um ano ou mais. E isto é parte do gozo. Hoje há uma dificuldade acrescida que é a situação financeira do País e isso obriga-nos a um controle mais apertado, obriga-nos a soluções mais económicas, obriga-nos a por vezes a utilizar materiais menos nobres. São soluções que temos de ir descobrindo. Se construirmos oitenta por cento do que fazemos actualmente é ainda muito. Não há problema. Continuaremos a crescer e a desenvolver este concelho e disso não tenho a menor dúvida.

não podemos fazer marinas e passeios marítimos fora do litoral, por isso, o que está pensado para o norte do concelho vai noutro sentido.

E é o quê?

É fazer os corredores verdes. Ou seja, nós temos o Passeio Marítimo que é a espinha dorsal e depois temos as ribeiras, nomeadamente a do Jamor, a de Barcarena e a da Lage. E temos projectos para estas ribeiras de forma a tratá-las, para que se possa fazer e criar passeios ribeirinhos. E portanto, o tratamento destas ribeiras mais naturalizado porque não terá a componente de obra que tem o passeio marítimo, irá permitir que as pessoas andem de bicicleta e passeiem ao longo das ribeiras. E isto fará com que se crie uma rede de comunicação. As pessoas vão poder passar a vir ao longo da ribeira, ir ao Passeio Marítimo e subir por outra ribeira. Depois serão ligadas, mais a montante pelos corredores verdes. Ou seja, teremos a sul o passeio marítimo, no sentido norte-sul as diversas ribeiras e mais a norte os corredores verdes no sentido transversal.

Quando olha para o terreno do concelho já consegue imaginar esse futuro?

Vou-lhe contar uma coisa engraçada. Quando es-

tava no Plano Director acontecia-me uma coisa curiosa: às vezes queria ir a determinado sítio e dava por mim no carro num beco sem saída porque pensava que a estrada já estava construída quando apenas estava planeada. E isso aconteceu-me várias vezes porque uma das minhas áreas era a rede viária. Sim, eu já vislumbro estas obras planeadas para o concelho.

Numa época em que temos de cortar despesas e imagino que ouça o presidente a dizer-lhe inúmeras vezes que tem de se cortar despesas, como pensa fazê-lo? Onde vai cortar despesas?

A isso chama-se transformar as dificuldades em desafios. O que se faz hoje deve ser diferente do que se fez há um ano ou mais. E isto é parte do gozo. Hoje há uma dificuldade acrescida que é a situação financeira do País e isso obriga-nos a um controle mais apertado, obriga-nos a soluções mais económicas, obriga-nos a por vezes a utilizar materiais menos nobres. São soluções que temos de ir descobrindo. Se construirmos oitenta por cento do que fazemos actualmente é ainda muito. Não há problema. Continuaremos a crescer e a desenvolver este concelho e disso não tenho a menor dúvida. }

Orçamento anual da DMOA

65 milhões Euros

Nº de projectos elaborados por ano

132

Nº de edifícios e equipamentos municipais a manter

151

Número de jardineiros

186

Área ajardinada e tratada no concelho

Superior a 200 ha

Números da Reciclagem / ano

Superior a 10 Mil Ton.

✦ Vidro: Superior a 3 Mil Ton.

✦ Papel: Superior a de 5 Mil Ton.

✦ Óleo: Superior a 30 Ton.

✦ Plástico: Prox. de 2 Mil Ton.

Quantidade total do lixo recolhido por dia

Superior a 200 Ton.

Lixo/ Kg / pessoa/ dia

1,5 Kg

Número de ilhas ecológicas

Superior 300

Número de contentores

337

Número de carros do lixo

35

Km/dia de RSU

1.776 Km

Km/anuais da frota municipal

5.230.879 Km

Nº bancas e lojas em mercados municipais

454

Km de estradas municipais a conservar

473

Nº Candeeiros iluminação pública

Superior a 20 Mil

Nº de sinais de trânsito a manter

Superior a 6 Mil



Parte da equipa de Luiz Melo.
Ao todo são 893 funcionários.



ANTÓNIO CÂMARA

“SOMOS DEMASIADO PROGRAMADOS PARA A CARNEIRADA”

Admite que já não é hoje mal comportado como foi. Nota-se nessa confissão uma sombra de lamento. António Câmara defende que são os mal comportados que transformam o mundo. À sua maneira, o criador da YDreams também já deu o seu contributo para essa transformação, ao criar a empresa tecnológica portuguesa mais bem sucedida internacionalmente. O Prémio Pessoa, que lhe foi atribuído em 2006, chamou a atenção para um trabalho que em breve, no início de 2011, vai voltar a dar que falar no mundo inteiro. Enquanto prepara esse anúncio global, que revela nestas páginas, António Câmara continua a passar os fins de tarde a acompanhar os treinos das diversas modalidades do Sport Algés e Dafundo.

CARLOS VAZ MARQUES } *Texto* CARMO MONTANHA } *Fotografias*

Sente-se de algum modo ligado ao concelho de Oeiras?

Sinto. Oeiras é um concelho muito curioso porque têm vários núcleos. Eu vivo perto de um deles, o núcleo de Algés. Gosto imenso de Algés. Tem um potencial imenso. Oeiras tem, nalguns casos, algumas situações de degradação mas Algés representa um dos últimos verdadeiros bairros. Não só da área de Lisboa mas de todo o país.

É dirigente do Sport Algés e Dafundo.

Sou vice-presidente, sim. Os meus filhos jogaram lá basquete. Um ainda joga.

Faz vida de clube?

Tento passar por lá todos os dias ao fim da tarde e ver alguns treinos. Tenho as reuniões de direcção e ao fim de semana apoio algumas das equipas de basquete.

O que é que o motiva: é um sentimento bairrista?

Não. Acho que é o desejo de estar associado a algo que é um sinónimo de excelência. O Sport Algés e Dafundo é uns dos clubes portugueses, se não for mesmo o clube português, que mais atletas olímpicos formou.

Por via da natação?

Da natação, do judo, da ginástica, da vela. Tem também uma das melhores escolas de basquetebol do país, com treinadores fantásticos. É um local onde basicamente se respira a excelência. Todas as pessoas que ali estão aspiram à excelência. Isso é muito raro. Há também uma ética de trabalho que é muito importante. Obviamente, eu adoro desporto, tenho os meus filhos ligados ao clube mas essencialmente sinto que estamos ali a construir algo - muitas vezes com recursos financeiros muito escassos - que tem classe internacional.

Essa classe internacional mantém-se actualmente?

Mantém. Continuamos a produzir atletas como o Arsenyi, na natação, que foi nono no campeonato da Europa, temos vários atletas olímpicos no judo. Para todas as Olimpíadas o Algés produz dois ou mais atletas olímpicos. E depois no basquetebol, nos últimos onze anos, só para dar uma ideia, o Algés foi campeão de juniores oito vezes. Num distrito em que há um Benfica. O nível é fantástico.

O seu envolvimento é recente ou já antigo?

Os meus filhos jogam no Algés há sete anos. Eu estou há dois anos na direcção e esta equipa directiva tem o sonho de poder transformar o Algés - seguindo o modelo dos clubes espanhóis - e fazê-lo dar o salto. Há vinte anos o Algés era comparável a clubes de Espanha como o Juventud de Badalona ou os Estudiantes de Madrid. Esses clubes deram um salto enorme. O Juventude de Badalona criou dois atletas para a NBA e o orçamento da equipa de basquete é igual ao orçamento de alguns dos nossos clubes de futebol. Nós não aspiramos a ter um orçamento desses mas aspiramos a ter o nível que os clubes espanhóis atingiram.



Mas não têm futebol.

Não, não temos futebol nenhum.

Isso, hoje em dia, não é uma pecha?

Não, pelo contrário. É uma enorme vantagem não termos futebol. O futebol tem o impacto que se conhece mas o mundo, hoje, é muito mais variado em termos de desporto. Há desportos com uma implantação global imensa: o basquetebol é um exemplo disso. Se olharmos para os próximos dez, vinte anos vemos que o futebol vai ser cada vez mais uma indústria. Não vai ser a via para criar uma cidadania mais forte.

O futebol já não é exactamente um desporto?

Já não. É outra coisa. Nós ainda estamos muito no desporto. O Algés é o desporto, a excelência, o espírito olímpico. Obviamente, hoje já é tudo muito mais profissionalizado mas é algo de diferente: é um clube olímpico. E nas Olimpíadas o futebol não tem peso.

Ainda a propósito da sua ligação ao desporto: acredita na máxima de que há males que vêm por bem?

Bem, no meu caso, aos 21 anos lesionei-me seriamente e a minha carreira no ténis acabou. Muitas vezes me interrogo a esse respeito. Vou jogar ao Estádio Nacional e vejo antigos colegas meus, que são treinadores, e ainda os invejo. Naquela altura, o que via para o meu futuro era jogar ténis e depois tornar-me treinador. Estava a tirar o curso e a pensar que se houvesse uma lesão teria algo de que me socorrer. Aliás, no quarto ano do Técnico falei com o meu pai e disse-lhe: eu agora vou jogar no circuito internacional e vou deixar a universidade. O meu pai respondeu-me: podes fazê-lo mas não com a minha ajuda. Houve um semestre em que deixei o curso e comecei a preparar-me para ir jogar o circuito satélite da Índia. Foi nessa preparação que comecei a levantar pesos e esmaguei um osso do pulso direito. Hoje, em termos globais, posso dizer que foi um mal que veio por bem. Mas não altura não achei graça nenhuma.

Era um bom tenista?

Eu não tinha talento natural mas tinha físico e tinha uma vontade de ganhar ilimitada.

Essa vontade de ganhar foi importante também para o que viria a fazer profissionalmente?

Sem dúvida. O desporto exige resiliência e a resiliência é fundamental no negócio. A maior parte das pessoas olha para as empresas tecnológicas e acha que elas explodem em cinco anos.

Até já houve uma altura em que explodiam em cinco meses.

Sim. Explodiam e depois ficavam destruídas. Mas há essencialmente dois tipos de empresas. Há as rocket, muitas vezes baseadas na força do marketing. A Compaq era um exemplo disso. Os tipos que fizeram a Compaq começaram por querer vender pizzas. E um deles disse: eh pá, se calhar vender computadores era melhor. Mas a maior parte da empresas bem su-

cedidas são empresas que estão dez anos... Mesmo a Microsoft demorou quase dez anos a chegar a cem milhões. E num mercado enorme, como o mercado americano. Depois, há um dado momento em que há um degelo das diferentes capacidades e a empresa cresce muito rapidamente.

Como é que foi com a YDreams?

Nós chegámos e tivemos tanto sucesso nos primeiros dois anos que pensámos: isto agora vai ser fácil. Mas depois nunca é. É aí que a resiliência é fundamental. A minha resiliência pessoal vem do desporto.

De uma forma simples, como é que descreveria aquilo que faz a YDreams?

A YDreams desenvolve projectos de interactividade. O nosso sonho, desde sempre, é podermos entrar num filme e interagir com os actores e os actores interagirem connosco. Neste momento, conseguimos finalmente desenvolver a plataforma que permite isso. Se olharmos por exemplo para "A Rosa Púrpura do Cairo", o filme do Woody Allen, o que nós fazemos é "A Rosa Púrpura do Cairo" ao contrário.

Ou seja, não são os actores que saem do ecrã, ao encontro do espectador, é o espectador que vai ter com eles.

Exactamente.

Agora está a trabalhar num projecto que pretende tornar interativo qualquer tipo de material, do papel ao tecido ou à madeira. O que é que isso significa, em concreto?

Nós temos agora um spin off, que vai ser lançado internacionalmente em breve, que leva o conceito de interactividade ainda mais longe. Embebemos interactividade nos objectos por via química. Todos nos lembramos de quando escrevíamos com tinta de limão no papel e depois o aquecíamos para aquilo se tornar visível. Nós - o professor Pina e o seu grupo na Universidade Nova - levámos esse conceito a um extremo. Vamos poder transformar todo o tipo de superfícies - o papel, o plástico, o vidro, a cortiça, a madeira - em superfícies interactivas. Vamos por exemplo poder ter no jornal animações. Imagine uma animação de um golo num jornal desportivo.

Num jornal vulgar, de papel?

Sim, de papel.

Posso ver no jornal a jogada do golo?

No fundo, o que nós estamos a fazer são ecrãs. Podem ser micro-ecrãs, podem ser autocolantes, podem estar embebidos. Ecrãs em que há alguma interactividade.

Isso é para daqui a quanto tempo?

No primeiro trimestre de 2011 vamos ter os primeiros produtos. Estamos a fazer alianças no mundo inteiro com grupos de média, com grupos de packaging, com grupos de publicidade. Estamos a desenvolver o negócio e vai haver um lançamento surpreendente já em Novembro. É uma firma em



o cimento até ao papel, ao plástico e ao vidro - a Invisible Network - para levar isto para o mercado global.

Em termos de custos, essa tecnologia vai ser dispendiosa?

Vai ser acessível. Baratíssima. A nossa vantagem comparativa é que o nosso custo vai ser muito, muito menor em relação às ofertas que existem no mercado. A mais importante é a da firma Inc, que fez o Kindle para a Amazon. Nós vamos ter uma tecnologia que eu acho que é melhor, muito mais barata e que se adequa a todo o tipo de superfícies.

Estando tão envolvido nesta área da tecnologia de ponta e sendo também professor universitário, engenheiro e empresário, se tivesse de escolher uma única designação para se apresentar que designação escolheria?

Escolheria apesar de tudo a de professor universitário.

Mais do que o engenheiro e o empreendedor?

Sem dúvida. Muito mais. Continuo a ser professor universitário e a minha alma está nisso. Basicamente, o que eu fiz na YDreams era o que faria se fosse por exemplo professor - como fui - no MIT, o Massachusetts Institute of Technology. Aí, espera-se que o professor seja um empreendedor. Na carreira universitária em Portugal é que não se espera que o professor seja um empreendedor. Mas o que eu estou a fazer é normal para muitos professores americanos.

Tem tudo a ver com o modo como se encara a dimensão do ensino.

Sem dúvida. O que eu e os meus colegas co-fundadores da YDreams quisemos fazer foi trazer a investigação que tínhamos realizado na Universidade Nova para o mundo e para o mercado. Achámos que o veículo era criar uma firma, criámo-la e é uma firma que está no campus universitário, portanto muito enquadrada ainda na realidade universitária.

Qual terá sido a decisão mais importante da sua vida profissional?

A minha decisão mais importante foi a de ir estudar para os Estados Unidos quando acabei o curso no Técnico. Isso mudou completamente a minha vida. É uma experiência que aconselho a todos. As universidades americanas são inigualáveis em qualquer parte do mundo. Dão-nos uma confiança e uma vontade de arriscar que simplesmente não existia.

Essa experiência mudou a sua personalidade, também?

Mudou completamente a minha personalidade. Deu-me uma auto-confiança quase ilimitada. Eu olhava para os meus colegas e via-os com sonhos incriveis, quase impossíveis de realizar. Quase todos eles os realizaram. A auto-confiança foi extremamente importante mas a capacidade de arriscar também. Todos eles estavam a arriscar e eu senti que também era isso que tinha de fazer na vida: arriscar.

Vê uma discrepância grande, nesse aspecto, entre os Estados Unidos e Portugal?

Infinita. O português olha para o dia de amanhã e acha que ele vai ser pior do que hoje. Nenhum americano pensa dessa forma. Talvez hoje, com a cri-

se, comecem a pensar de uma forma um bocado diferente. Mas quando eu fui para lá havia uma confiança ilimitada no dia de amanhã. Essa confiança projecta as pessoas, dá-lhes força. Vejo hoje sentimento mais no Brasil do que nos Estados Unidos. Os brasileiros sentem que o amanhã vai ser muito melhor do que o hoje. Nós em Portugal continuamos a pensar sempre que o amanhã é inevitavelmente pior.

Foi nos Estados Unidos que decidiu que não queria ser empregado e que preferia correr riscos por conta própria?

Sem dúvida. A visão que a sociedade americana tem do professor universitário é a de que o professor universitário está ali para criar um império. Um império académico, em primeiro lugar, e nalgumas escolas, como o MIT, até um império económico. Eu senti que queria ser independente. Não queria ter patrões.

O que é que foi determinante para isso, para além do ambiente social?

Foi uma pessoa. Tive uma imensa sorte. Houve um professor, o homem que inventou a faixa bus, um dos maiores engenheiros de tráfego do mundo, que acreditou em mim. Disse-me: eh pá, tu podes fazer tudo aquilo com que sonhares. De repente tinha esta enorme autoridade a dizer-me que eu poderia ser aquilo que quisesse. E depois ensinou-me como. Ensinou-me muito. Portanto cheguei à conclusão de que o mais importante na universidade não é o currículo tradicional, é o currículo escondido, aquilo que está para além das aulas. São todas aquelas capacidades que nos são ensinadas e que nos transformam.

Diria que hoje o risco é a sua profissão?

Eu estou obviamente numa profissão de risco. Todos os dias acordo e vejo os mails que tenho. Temos um sistema excelente aqui na empresa em que há várias pessoas que vêm todos os blogues e o que se publica e que fazem uma síntese daquilo que é mais importante. Todos os dias pode surgir um vídeo no You Tube que nos leve à falência. Basicamente é isso.

Sente esse risco permanentemente sobre a sua cabeça?

Sim. Aquilo que se passa, ao contrário do que as pessoas julgam, é que a maior parte dos desenvolvimentos mais importantes do mundo são feitos em segredo.

Ou seja, há neste momento alguém que pode estar a preparar-se para o tramar.

Para me tramar a mim e a qualquer outra empresa na área da tecnologia. Basicamente, nós sabemos que há muito poucos sítios no mundo com capacidade científica nalgumas áreas mas muitos desses sítios têm centenas de alunos. Basta um aluno. Há esta ideia muito portuguesa e europeia de que é preciso massa crítica e milhares de pessoas e redes e firmas gigantes para mudar o mundo. Não. Basta um. Há um tipo que tem uma ideia e que publica um vídeo no You Tube e tudo se pode transformar. É um mundo de risco. Nós sabemos, no entanto, em que isso é muito mais difícil do que noutras. Daí esta aposta na área da química. Na área da informática isso pode acontecer todos os dias.



O que eu e os meus colegas co-fundadores da YDreams quisemos fazer foi trazer a investigação que tínhamos realizado na Universidade Nova para o mundo e para o mercado. Achámos que o veículo era criar uma firma, criámo-la e é uma firma que está no campus universitário, portanto muito enquadrada ainda na realidade universitária.

IMAGENS DE ALGUNS PROJECTOS DA YDREAMS





Mas não é verdade também que entre a concepção de uma ideia e o desenvolvimento tecnológico até que ela chegue ao mercado há um enorme fosso?

Há um tempo imenso, sim. Mas a questão é que em software essa diferença temporal não é muito grande. Pode até ser acelerada se houver um apoio crítico. O que acontece muitas vezes, nomeadamente nos Estados Unidos, é que há os chamados *handlers*. Um miúdo do MIT tem uma ideia, chega ao interface do MIT com o mundo exterior e muito rapidamente é tratado tudo aquilo que é necessário: desde a angariação de capital, aos tipos que ajudam na propriedade intelectual e na comunicação. A comunicação muitas vezes começa quase de imediato. Isso cria um enorme *hype* durante cinco ou seis meses até que de facto o produto já está pronto. Depois, hoje em dia na Web tudo é muito mais rápido.

Já o ouvi dizer - e não me parece que o estivesse a dizer de forma elogiosa - esta frase: "Basicamente Portugal é um país muito bem comportado." O que é que queria dizer com isto?

O que eu queria dizer é que todo o sistema de ensino, nomeadamente o sistema universitário, cria pessoas demasiado bem comportadas. São pessoas que têm de responder aos exames e os exames são convergentes, portanto a pessoa tem mesmo de ser bem comportada.

Portanto, do seu ponto de vista o ensino em Portugal em vez de individualizar massifica.

Sem dúvida. Depois, em termos de investigação, Portugal raramente decidiu arriscar e tomar a liderança em determinadas áreas. Há pessoas individuais que o fazem mas em geral o país não as promove. Há muito pouca capacidade de arriscar e de dizer: eh pá, eu vou mudar o mundo.

É um défice genético?

Não. Acho que é o resultado de trezentos anos de Inquisição e depois do sistema político que nós tivemos, nomeadamente antes do 25 de Abril. Era um sistema que favorecia o bom comportamento.

Diria que somos programados para a carneirada?

Eu acho que infelizmente somos demasiado programados para a carneirada. Quando falo nalgumas universidades digo, para choque de alguns colegas, que a mim é-me absolutamente irrelevante que a pessoa publique nas melhores revistas do mundo uma ideia que não acrescenta rigorosamente nada ao estado da arte. O que eu quero são ideias de risco. São essas que geram desenvolvimento e que são capazes de competir no mundo global. Há três universidades mundiais que criaram um número desproporcionado de empresas no mundo: Stanford, MIT e Cambridge. Essas três caracterizam-se por não serem bem comportadas. São os tipos que arriscam e que lideram.

Como é que recruta trabalhadores para a sua empresa?

Eu costumava fazer um teste em que pedia à pessoa que fizesse perguntas e respostas. Depois classificava a qualidade das perguntas e das respostas. O teste era em branco. Isso dava-me logo uma amostra da capacidade de autonomia das pessoas. Durante muitos anos recrutei muita gente que se distin-

guia pela capacidade e pela autonomia. Por não serem bem comportados. Mas depois cheguei à conclusão de que numa empresa também é preciso ter pessoas bem comportadas, pessoas sólidas mesmo que não necessariamente hiper-criativas. Portanto, hoje temos os dois grupos.

Defina o que entende, neste contexto, por uma pessoa mal comportada.

Ser mal comportado é uma pessoa pensar diferente, pensar *out of the box*, é pensar de forma chocante, é ter a capacidade de atrair os comentários e a ridicularização dos outros. E de resistir a isso. Quando uma pessoa chega a esse ponto é uma pessoa que passou a ser mal comportada, no bom sentido. Esse é o ponto que faz distinguir as empresas no mundo.

Considera-se mal comportado?

Eu não. Já fui mal comportado em tempos. Agora sou muito bem comportado. Com os anos a pessoa tem tendência a tornar-se mais bem comportada. A parte curiosa é que se uma pessoa tem uma ideia mal comportada, essa ideia vai-se transformar numa ideia bem comportada, numa ideia aceite por todos dez anos depois. }



O GATO MALHADO¹ O Amor e a Liderança

Nuno Campilho

Gestor Público (ncampilho@gmail.com)

Os temas da gestão, da liderança, da inovação, são amiúde desprovidos de emoção, sentimentos, ou paixão. É fácil amar a arte um quadro, uma música, uma escultura. É fácil dizer numa peça de teatro, "eu quero fazer amor!". Nas telenovelas o que não é fácil é dizer outra coisa. E nas empresas? E nas autarquias? E nas instituições?

Ligar o Amor e a Liderança - estarão a pensar - deve ser uma coisa tão absurda como casar um gato maltês com uma alegre andorinha. Mas o novo paradigma, não só da gestão, mas sobretudo dos gestores, aponta exactamente nesse caminho, não em sentido figurativo ou metafórico, mas em oposição à associação do Medo à Liderança, num estilo coercivo, de controlo e manipulação das pessoas. Os recentes acontecimentos da História (económica, política, social, ambiental), comprovam-nos que não se consegue ser bem sucedido, por muito tempo, liderando pelo medo. Como, sobretudo, Bernard Madoff nos demonstrou, é possível enganar a muitos durante muito tempo, mas é impossível enganar a todos o tempo todo. Muito, pouco, ou todo o tempo, o que é certo é que foram milhares os investidores que foram defraudados, num valor que atingiu os 65 mil milhões de dólares.

Pergunta inevitável, como é que Madoff convenceu tantos investidores sofisticados a desfazerem-se das suas fortunas sem fazerem perguntas? Terá sido Medo, ou Ganância? O que me parece certo é que este estilo e esta forma de estar na vida não é sustentável, nem pode contribuir para performances e lideranças consolidadas em nenhuma parte do mundo, estejamos a liderar a BP (*bye bye* "Deepwater Horizon"²), estejamos a liderar a Papelaria Fernandes, ou a Delphi (magnífica reportagem da revista "Única" do *Expresso* sobre 72 funcionários à beira do despedimento desta empresa³).



Ligar o Amor e a Liderança - estarão a pensar - deve ser uma coisa tão absurda como casar um gato maltês com uma alegre andorinha.

As novas lideranças - ou os novos líderes, como Barack Obama - têm de ganhar a confiança, antes da lealdade das pessoas e é exactamente em momentos de crise como o que vivemos, que devemos olhar para os líderes e verificar, não só da sua autenticidade, como também se seguem o seu "True North"⁴. Hoje os líderes têm de ser diferentes, porque os seus colaboradores mudaram e estão cada vez mais evoluídos e conhecedores do que os seus próprios superiores. Estas pessoas procuram um propósito e um significado para o seu trabalho. Se é lá que passam a maior parte do seu dia, da sua vida, tem de valer a pena!

Os líderes que amam percebem a um nível mais profundo como extrair o melhor das pessoas e motivá-las a atingir uma performance de alto rendimento. Liderar com Amor significa aprender com as derrotas e com os fracassos e partilhar histórias pessoais sobre os seus próprios desafios. Ser vulnerável - ingénuo e voluntarista q.b. - dá-nos poder e permite-nos uma ligação mais profunda ao íntimo das pessoas com quem trabalhamos. Isto significa humanizar as relações, conseguir ir para além do profissional e alcançar a simplicidade dos homens e das mulheres à nossa volta. Que melhor sentimento se não o Amor para extrair toda esta genuinidade?

Como diria Nilton "eu amo você!"⁵ }

¹ Adaptação de AMADO, Jorge, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2007 (15ª ed.).

² Plataforma petrolífera que era explorada pela BP e que explodiu em Abril de 2010, no Golfo do México, provocando o maior derramamento de petróleo de sempre nos EUA. 2010-08-21.

⁴ "Assim como uma bússola nos aponta em direcção a um campo magnético, o seu 'True North' leva-o em direcção ao propósito da sua liderança. Quando segue a sua bússola interior, a sua liderança será autêntica e as pessoas irão naturalmente querer associar-se a si. Ainda que outros possam guiá-lo, ou influenciá-lo, a sua verdade é derivada da sua história de vida e só você pode determinar o que será." GEORGE, BILL, in *True North*, Jossey-Bass, San Francisco, 2007.

⁵ Programa da RTP 2, 5 para a meia-noite.

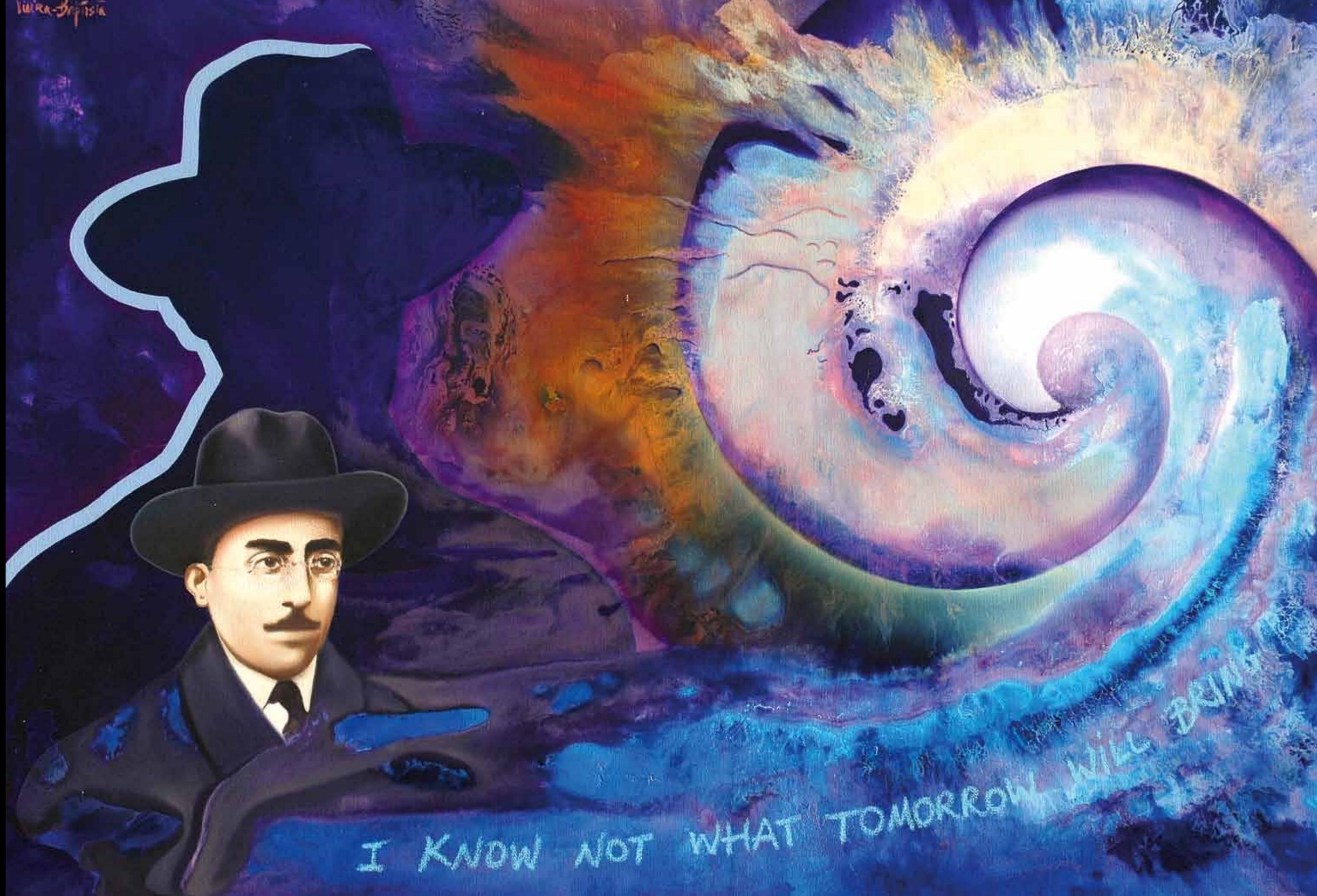


I KNOW NOT WHAT TOMORROW WILL BRING

Este trabalho baseia-se na última frase que Fernando Pessoa escreveu antes de morrer: "I know not what tomorrow will bring". Representei-o no momento em que se está a transformar em energia, unindo-se assim à espiral do Universo que o recolhe.

O dia seguinte trouxe-lhe a morte mas, conhecendo um pouco a mente de Fernando Pessoa, não seria com certeza essa a sua dúvida...

Luís Vieira Baptista



Óleo / Tela
89 x 130 cm
2008

Obra de Luís Vieira Baptista
a celebrar 35 anos de exposições individuais

ESTA OEIRAS CULTURAL!

RAQUEL CARRILHO } *Texto*

DEPARTAMENTO DE PROJECTOS ESPECIAIS
DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS } *Fotografias*

OEIRAS (RE)CONVERTE-SE NUM PÓLO CULTURAL!

Por entre a cultura histórica e a história cultural de Oeiras, está implícito um olhar atento e perscrutante por parte dos profissionais do município. Olhar este que se traduz numa dinâmica coexistência de sucedâneos projectos, que se complementam e não se excluem, que dignificam a herança de um passado que pertence a todos os munícipes e cuja preservação se manifesta imperativa.

A reconversão de espaços em estado de degradação, ou de abandono, em pólos culturais e artísticos, comprova o empenho da autarquia; os futuros equipamentos, como o Auditório do Palácio dos Aciprestes, o Estúdio de Dança de Carnaxide e o Centro Cultural José de Castro, concretizam esse mesmo empenho!

AUDITÓRIO DO PALÁCIO DOS ACIPRESTES

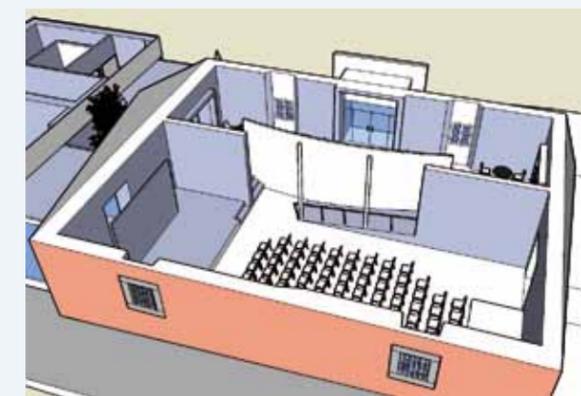
O projecto, orçado em 422.000,00€, prevê a reconversão do antigo armazém agrícola, actualmente devoluto e, em alguns anexos, em estado avançado de ruína, num edifício dotado de um Auditório de apoio às actividades da Fundação Marquês de Pombal, com sede no Palácio dos Aciprestes, e de espaços de apoio ao público do jardim. Este público, maioritariamente sénior, disporá de instalações sanitárias, de uma zona de convívio e beneficiará de rampas de acesso com inclinações nunca superiores a 8%, de modo a não restringir a acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada.

Mais do que um Auditório, trata-se de um Espaço Polivalente com três áreas funcionais independentes entre si, mas que se podem complementar: as instalações sanitárias, cujo acesso não está dependente do funcionamento do bar ou do auditório; um pequeno bar/sala de leitura com mesas e cadeiras que, caso se justifique, poderão ocupar a plateia do Auditório; e, finalmente, o Auditório que, quando em funcionamento, utilizará todas estas áreas, funcionando o bar/sala de leitura como *foyer* e o balcão como recepção/bengaleiro.

Em termos arquitectónicos, o edifício é constituído por dois volumes que correspondem ao antigo armazém, que albergará o *foyer*/bar, plateia e palco, e um novo volume que comportará as instalações sanitárias, zona técnica de apoio ao palco e uma sala polivalente na cave (95m²). Este último espaço visa colmatar alguma falta de área disponível no piso térreo para arrumação e apoio à actividade. O Auditório, de média dimensão, destinar-se-á a conferências, apresentações e acções de formação. Prevê-se uma capacidade de 84 lugares sentados ou, opcionalmente, várias mesas e cadeiras. Ao invés de uma sala “estanque”, propõe-se a criação de um Auditório informal, respeitando-se a “memória” do passado e recuperando-se o desenho do tecto original. As paredes da sala não atingirão o tecto, assim como os acessos à sala serão feitos não através de portas, mas através de desfasamentos entre as paredes. O tecto falso será aplicado somente na plateia e no palco (onde a climatização e iluminação deverá ser mais cuidada), mantendo-se no *foyer* o desenho da estrutura da cobertura original, com os devidos tratamentos acústicos e impermeabilizações.



O Auditório, de média dimensão, destinar-se-á a conferências, apresentações e acções de formação. Prevê-se uma capacidade de 84 lugares sentados ou, opcionalmente, várias mesas e cadeiras.



ESTÚDIO DE DANÇA DE CARNAXIDE

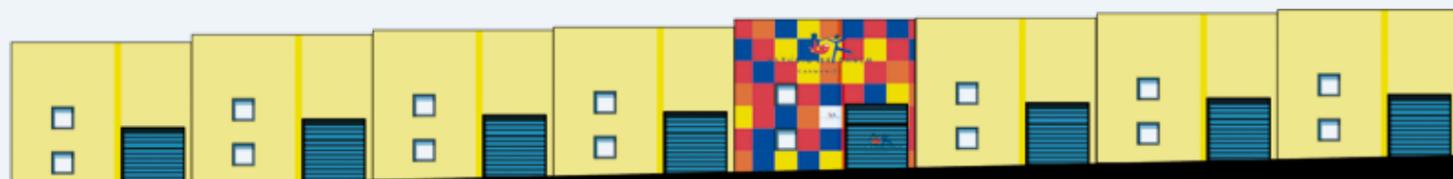
Ainda sob alçada da autarquia, o edifício n.º 54 da Av. Comendador Nunes Corrêa, no Alto dos Barrinhos, inserido num conjunto de armazéns em banda, aguarda pela sua atribuição formal à Associação “Ideias do Século”. O seu futuro está delineado e a ideia que deu corpo a este projecto não poderia ser de maior apazimento: o antigo armazém transformar-se-á no Estúdio de Dança de Carnaxide! O primeiro Estudo Prévio foi realizado em Fevereiro do corrente ano e, levando em consideração as condições físicas do espaço, a legislação a aplicar em recintos desta natureza e a valência central enquanto “Escola de Dança”, tomou-se possível a criação de mais dois estúdios (8mx8m), obtendo-se um total de quatro salas para a prática e ensino da dança, sendo os dois estúdios do piso

térreo interligáveis, possibilitando uma sala com 9mx16m. No restante espaço manter-se-á a mesma distribuição longitudinal anteriormente aprovada, com zona de recepção, instalações sanitárias, copa, arrumos, acessos e os dois estúdios contíguos. Aproveitando o pé direito de 7m, criar-se-á um piso que receberá os restantes estúdios, vestiários, banheiros, escritório e que terá também acesso de emergência ao exterior.

A fachada do edifício será destacada dos restantes pavilhões, de imagem industrial e pouco qualificada, como consequência de uma forte aposta na diferenciação do espaço, sobretudo através de um tratamento cromático que evidencie a existência de uma Escola de Dança de uma forma original e divertida. Uma intervenção estimada em 300.000,00€



que, dando primazia às questões de ordem funcional, procura também dar resposta às sugestões da associação ao nível estético, nomeadamente alguns traços de informalidade e originalidade que se irão desenvolver nas restantes fases do projecto, através de novos materiais, texturas e cores.



CENTRO CULTURAL JOSÉ DE CASTRO

Um projecto que visa dinamizar o centro histórico da vila de Paço de Arcos, que propõe dotá-la de um novo espaço cultural e, conseqüentemente, de uma maior e mais intensa corrente intelectual e artística. O projecto prevê a reformulação e ampliação de um edifício degradado, outrora infantário, e a requalificação de um espaço intersticial, propriedade que o Município adquiriu recentemente. Prevê-se que o edifício oitocentista seja constituído por duas áreas distintas, situadas num átrio de triplo pé direito com cobertura envidraçada, nomeadamente: uma área de exposições, bar, instalações sanitárias e administração; e outra área com auditório, camarins em cave e régie. Na zona que constitui actualmente o logradouro será criado um jardim público, destinado à realização de actividades culturais ao ar livre.

Ao nível arquitectónico, serão mantidos os elementos estruturantes do edifício original – planos de fachada, fenestração, cantarias, platibandas – e criar-se-á um contraste de elementos fortes e linguagem contemporânea, resultando num diálogo de formas revelador das suas distintas épocas.

A materialização do conceito adoptado nesta intervenção far-se-á através da aplicação de materiais de revestimentos contrastantes, designadamente revestimentos tradicionais nos elementos a preservar (reboco de cal pintado a tinta de cal, fenestração e portas de madeira) e pedra polida.

OEIRAS [RE]QUALIFICA-SE CULTURALMENTE!

Requalificar os equipamentos culturais não só pode como deve ser uma prioridade estratégica. Desenvolver projectos de raiz, construir e inaugurar novos equipamentos é animador, até mesmo tentador... Mas o verdadeiro valor consiste em preservar o património que trespassa de geração em geração e que se apresenta sob a forma de palco de costumes e tradições. As intervenções no Centro Cultural do Bairro da Pedreira Italiana, no Palco do Centro Cultural do Bairro do Casal da Choca e no Anfiteatro do Parque Urbano do Bairro da Lage cumprem o propósito de preservar espaços que se assumem como parte integrante do património cultural de Oeiras.

CENTRO CULTURAL DO BAIRRO DA PEDREIRA ITALIANA

Fiel à sua missão, o Centro Cultural encarrega-se de potenciar e dinamizar cultural e socialmente o Bairro da Pedreira Italiana e os seus habitantes, através de um envolvimento abrangente, sem segregações, sociais ou culturais, num espaço que é de todos e está à disposição de todos para ser usado e valorizado. Das diversas acções desenvolvidas por este Centro, podemos destacar os desfiles de Carnaval, a mostra de sabores e cores, eventos musicais e concursos. A requalificação do Centro Cultural contempla trabalhos de beneficiação e conservação ao nível das cantarias – limpeza, abertura e reenchimento de juntas, restauro e substituição, fornecimento e assentamento de degraus, protecção anti-graffiti, hidrofugação, vitrificação do chão interior, etc. –, reparação e desempenho de calçada, serralharias – fornecimento e colocação de vãos e colocação de grelha metálica tipo “Gradil” junto à entrada –, limpeza de graffiti em paredes de alvenaria e em portão metálico e respectivas pinturas. Este espaço, inserido numa antiga pedreira, é partilhado com diversas associações e colectividades do Bairro da Pedreira Italiana, que, deste modo, irão também beneficiar dos trabalhos de requalificação, nomeadamente: Rancho Folclórico; Associação Batoto Yetu Portugal; Associação Cultural da Pedreira Italiana; Planeta Maravilha; Associação Cultural Desportiva da Pedreira dos Húngaros; EB 2,3 S. Bruno; Associação União Africana; Escuteiros – Agrupamento 230 Caxias; entre outros.



ANFITEATRO DO PARQUE URBANO DO BAIRRO DA LAGE – FASE II

O edifício Casa das Letras, construção com características rurais de pequenas dimensões e de localização privilegiada, ocupou desde sempre uma posição de relevo no bairro da Lage. Devido às intempéries e à falta de manutenção, a Câmara Municipal de Oeiras encetou, em 2007, uma intervenção no edifício, que passou pela criação de um espaço que actualmente funciona como sede da “Associação Cultural da Lage” e pela dinamização do Parque Urbano Fase II.

Inserido neste Parque, junto do alçado poente da Casa das Letras, funciona um anfiteatro ao ar livre. O seu estado de degradação avançada, devido ao desgaste natural dos materiais e ao vandalismo de que tem sido alvo, exige uma nova intervenção por parte da Câmara que passa pela sua reconstrução, adoptando uma concepção que alie à função sociocultural uma maior capacidade de resistência.

Procura-se, deste modo, dotar este aglomerado com mais espaço que vise, por um lado, garantir uma dinamização sociocultural regular, participada e viva, nomeadamente pelas actividades promovidas pela “Associação Cultural da Lage” e, por outro, conferir a esta zona uma imagem “limpa” e de permanência confortável.

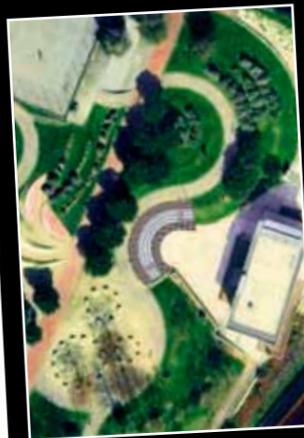
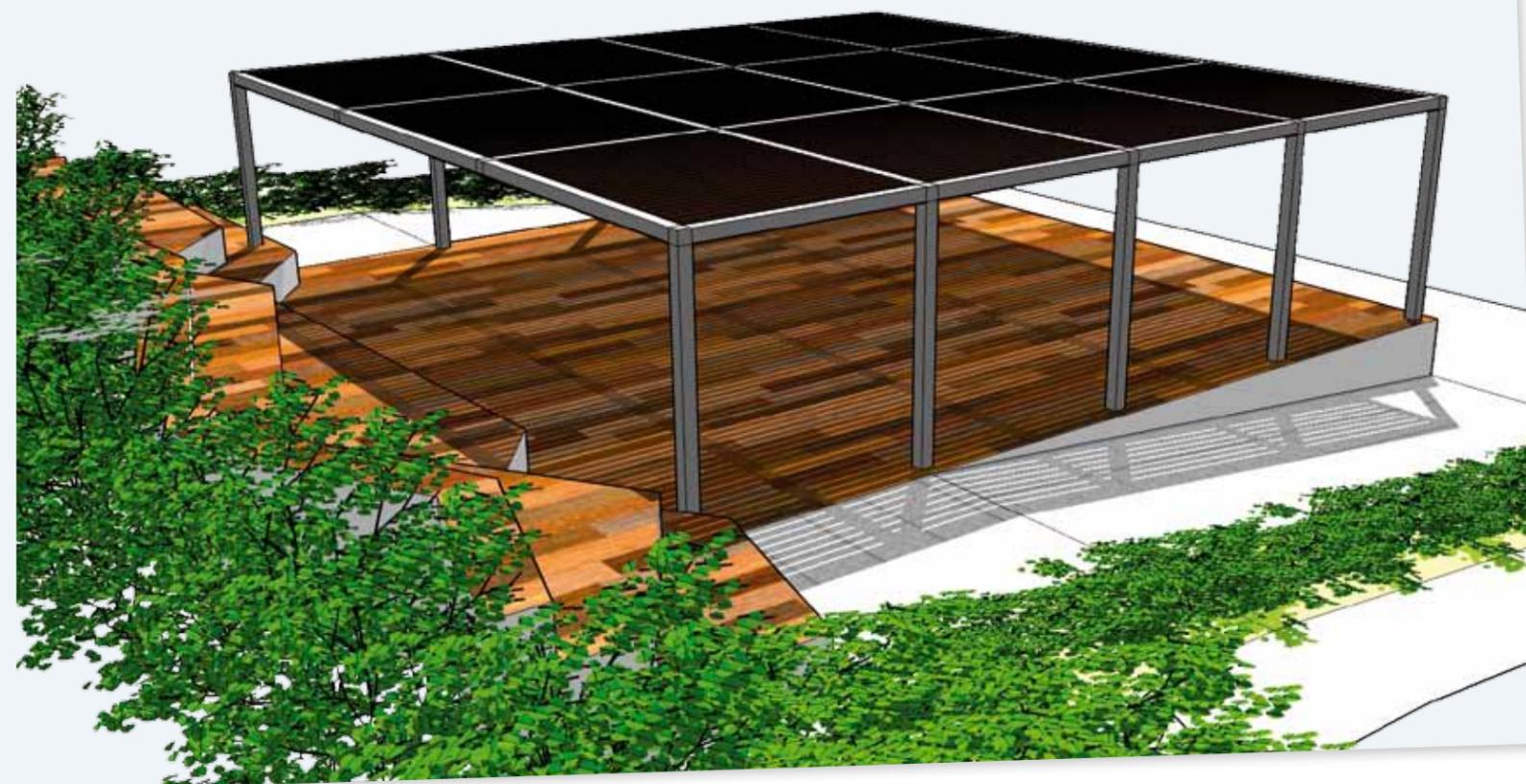


O seu estado de degradação avançada, devido ao desgaste natural dos materiais e ao vandalismo de que tem sido alvo, exige uma nova intervenção por parte da Câmara que passa pela sua reconstrução, adoptando uma concepção que alie à função sociocultural uma maior capacidade de resistência.

PALCO DO CENTRO CULTURAL DO BAIRRO DO CASAL DA CHOCA

Este equipamento cultural, edificado em 1999, tem vindo a adquirir uma importância crescente, muito devido ao trabalho e empenho da associação aí sediada e às actividades culturais do bairro. Para além das actividades do rancho folclórico sediado, denota-se a importância que traduzem os dois festivais anuais com a participação de diversos ranchos folclóricos, ao nível nacional e internacional, bem como a realização das acções preconizadas pelo grupo de cantares e pelo grupo de dança.

A intervenção objectiva a valorização de um espaço que actualmente se encontra descaracterizado, dotando-o de uma estrutura que permita a realização de acções culturais diversas. A proposta pretende a reformulação do palco exterior do equipamento, com a introdução de uma estrutura de ensobramento que possibilite alguma transparência, com a substituição do pavimento exterior, sendo que o seu actual estado de conservação já não permite a realização de eventos, e com a renovação de toda a estrutura verde envolvente, organizando-a de forma disciplinada. }



OEIRAS DE TODOS E PARA TODOS UM SONHO SOLIDÁRIO!

Acumulam-se milénios à história da roldana, à história desse disco dotado de uma simplicidade assustadora e capaz de feitos notáveis. O próprio Arquimedes, inventor da roldana composta, afirmou: «Dai-me um ponto de apoio e levantarei o mundo». A roldana tem essa capacidade, quase mágica, de tornar leves os mais pesados objectivos, de erguer as mais densas missões... De nos fazer acreditar que não há impossíveis!

Em Oeiras, desde 2004, estão em constante e sincronizado movimento três roldanas – Instituições de Solidariedade Social, Câmara Municipal de Oeiras e Empresas parceiras –, ligadas através de um fio comum – Programa Oeiras Solidária –, com o propósito de elevar um Sonho: Oeiras de todos e para todos!

RAQUEL CARRILHO } *Texto*

GABINETE DE COMUNICAÇÃO / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO,
ACÇÃO SOCIAL E DESPORTO } *Fotografias*

1. Instituições de Solidariedade Social

"Temos tido o apoio da comunidade e de várias entidades nomeadamente através do Programa Oeiras Solidária. Entre outros, referimos o apoio da Pfizer, da Merck Sharp & Dohme no arranque e funcionamento da residência, da Nestlé no apoio em papas, da My Change com a organização de uma acção de voluntariado de pintura dos quartos da Casa, do C.C. Alegro e da Mundicenter na organização de acções de divulgação e formação e da Microsoft Portugal cujo apoio permitiu a regularização do software da Ajuda de Mãe e a realização do Programa Escola Móvel. A todos e ao Oeiras Solidária agradecemos, certos de que só com o apoio de todos é possível ajudar."

Madalena Teixeira Duarte, Ajuda de Mãe

"Através do projecto Oeiras Solidária várias empresas do Concelho tomaram conhecimento da nossa intervenção e das nossas necessidades. Este Centro de Acolhimento tem beneficiado de apoios na manutenção das nossas instalações tais como: pinturas no interior da casa e pinturas no espaço ajardinado (muro e colunas etc.), renovação/manutenção de armários, puxadores e embelezamento da casa que muito tem contribuído para o Bem-estar das nossas crianças."

Ana Faustino e Teresa Manuel, Crescer Ser - Casa do Parque

"O trabalho que Oeiras Solidária tem vindo a elaborar, merece todo o nosso aplauso, pois o Grupo Desportivo e Recreativo A Joanita teve sempre excelentes relações com o departamento e o apoio que nos foi dado durante o ano de 2009, para a aquisição de 10 cadeiras para basquete em cadeira de rodas, oferta dos laboratórios AstraZeneca, foi extraordinário."

Lisete Martins, G.D.R. A Joanita

A primeira roldana do nosso sistema, aquela que está mais próxima de cada um dos municípios e dos grupos mais carenciados da população oeirense, é constituída pelo conjunto de Instituições de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, que operam no nosso concelho. São as primeiras a acreditar que é possível fazer mais e melhor pela comunidade local, que é possível torná-la "de todos e para todos". É, indiscutivelmente, a "missionária" do Programa Oeiras Solidária!

Estas instituições realizam um trabalho diário no terreno e, por conseguinte, são elas, também, as primeiras a estenderem as mãos a quem lhes solicita e, não raras vezes, a quem desistiu de fazê-lo por falta de forças! São elas, e a sua dedicação inesgotável, que erguem o Sonho de cada vez que acolhem um sem-abrigo, que oferecem comida a quem precisa, que colmatam carências ao nível da saúde, da educação e, também, ao nível psicológico e emocional.

ENTIDADES BENEFICIÁRIAS

Agrupamento de Escolas de Carnaxide – Valejas
Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Portela
Agrupamento de Escolas de Paço de Arcos
Agrupamento de Escolas de São Bruno
Agrupamento de Escolas Prof. Noronha Feio
Ajuda de Mãe
APOIO
ARIA
Associação Ajuda Internacional
Associação Coração Amarelo
Associação de Moradores 18 de Maio
Associação de Moradores 25 de Abril
Associação de Solidariedade Social - Assomada
Associação dos Amigos da Mulher Angolana
Associação Resgate
Casa da Fonte- Centro de Alojamento Temporário
Centro de Alojamento Temporário de Tercena
Centro de Dia de Algés – Madre Maria Clara
Centro de Dia de Paço de Arcos
Centro de Dia Oeiras São Julião
Centro Nuno Belmar da Costa
Centro Paroquial de Paço de Arcos
Centro Sagrada Família
Centro Social de Barcarena
Centro Social de Porto Salvo
Centro Social N.º Sr.ª da Conceição



Centro Social Padre Dehon
Centro Social S. Romão de Carnaxide
Centro Social S. Miguel de Queijas
Centro Social Santo António Nova Oeiras
Centro Social São Julião da Barra
Comunidade Vida e Paz
Crescer Ser – Casa do Parque
Escola Secundária Sebastião e Silva
Grupo Recreativo e Desportivo "A Joanita"
Núcleo de Instrução e Beneficência
Projecto Família Global
Projecto Mãos Dadas para a Vida - Santa Casa da Misericórdia de Oeiras
União de Reformados e Pensionistas de Algés
União de Reformados e Pensionistas de Barcarena

2. Câmara Municipal de Oeiras

Através dos trabalhos de Diagnóstico Social produzido no âmbito do Programa Rede Social, envolvendo agentes locais de diferentes sectores e áreas de intervenção (tanto ao nível concelhio como ao nível das freguesias), e da relação de proximidade que estabelece com as diversas Instituições Particulares de Solidariedade Social, a Câmara Municipal de Oeiras assume-se como uma entidade gestora dos recursos e necessidades do concelho.

Crete no Sonho "Oeiras de todos e para todos", a Câmara tem seguido uma política de inclusão, ancorada numa visão integrada e integradora no que respeita aos diversos domínios da vida da comunidade local. Crete nos efeitos de uma exemplar Responsabilidade Partilhada, a Autarquia aposta em trabalhos de parceria, como é demonstrativo o Programa Oeiras Solidária, estabelecendo uma ponte entre as instituições mais carenciadas e as empresas mais solidárias!

A segunda roldana gira, exigindo que «o trabalho a ser desenvolvido em parceria com as empresas incorpore os anseios e objectivos perseguidos pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social e outras entidades sem fins lucrativos que fazem parte do Programa Rede Social de Oeiras, complementando o esforço que o Município anualmente suporta em sede de atribuição de apoios e subsídios».

Crete no Sonho Oeiras de todos e para todos, a Câmara tem seguido uma política de inclusão, ancorada numa visão integrada e integradora no que respeita aos diversos domínios da vida da comunidade local.





3. As Empresas Parceiras

Eis o elemento responsável pela leveza com que “Oeiras de todos e para todos” se concretiza no nosso concelho.

O tecido empresarial de Oeiras não se destaca somente pelo elevado número de empresas de elevado prestígio nacional e internacional e pela sua forte aposta em áreas de base tecnológica e de investigação. Acima de tudo, e de valor incomensurável, destacam-se pelas políticas de Responsabilidade Social com efeitos directos na vida da comunidade local e na coesão social do concelho. As empresas parceiras no Programa Oeiras Solidária são a última roldana do sistema, aquela que o permite trabalhar em perfeita sincronia, aquela que permite que o peso se distribua e que, em conjunto, se possa erguer o mais digno e honroso sonho que o Homem pode ambicionar. É o sonho de uma inclusiva e justa Humanidade!

Ao longo dos anos, fomos falando com os parceiros do Programa e analisando as opiniões dos responsáveis por algumas das acções desenvolvidas. Agora, em retrospectiva, nunca um Programa nos pareceu tão acertado!

"Foi com grande satisfação que vimos nascer o projecto municipal Oeiras Solidária, na medida em que representou a conjugação perfeita entre a nossa vontade de agir e o conhecimento do terreno que a Câmara possui!"

Fernanda Tomás, Ericsson

"Acredito que, dado o número de empresas internacionais instaladas no concelho, vale a pena aproveitar o know-how dessas empresas, e da sociedade civil em geral, para ajudar a resolver os problemas que ainda existem."

José Almeida Bastos, Merck Sharp & Dohme

"Para nós, faz todo o sentido continuar a fazer parte deste grupo que constitui o Oeiras Solidária que, a meu ver, constitui um bom exemplo de cooperação entre o público e o privado, com claros benefícios para a população."

José Paulo Machado, Grupo Sumol

"É destas parcerias, desta permanente troca de informação, que pode resultar uma acção mais efectiva – só desta forma a empresa pode começar a ver, de facto, o resultado das suas políticas de responsabilidade social."

Rui Pedrato, Mota-Engil

"Quando estamos inseridos numa comunidade, Oeiras ou outra, acreditamos que devemos contribuir, de alguma forma, para essa comunidade."

John Alves, Sistemas McDonald's Portugal

EMPRESAS PARCEIRAS

Amgen	GlaxoSmithKline	OutCome
Associação Indiveri Colucci	Grupo Sumol	Pfizer
Associação Portuguesa de Contact Centers	Incyte Ativism	Primus Care
AstraZeneca	ISS Facility Services	Sair da Casca
Atlas Serviços Criativos	Izone	Sanofi-Aventis
Banco Espírito Santo	Johnson & Johnson Medical	Securitas
Bombas Grunfos Portugal	Johnson's Wax de Portugal	Sistemas McDonald's Portugal
BP Portugal	Jumbo	Solinca
C.C. Alegro	Kellog's	Solplay
Cadbury	Lift Consulting	Sun Microsystems Portugal
Cisco Systems	Medimais	Talenter
Clínica Médica da Linha	Merck Sharp & Dohme	Team
Comfort Keepers	Microsoft Portugal	Tetra Pak
Competir	Miele Portuguesa	Tratolixo
Ericsson	Millennium BCP	Tree – Central Business
Firefly	Mota-Engil	White Airways
GE Consumer Finance	Mundicenter	Yprod
GE Electronics	My Change	Zagope
GFI Portugal	Nestlé Portugal	
GL	Novo Nordisk	
	Ocyan	

As empresas parceiras no Programa Oeiras Solidária são a última roldana do sistema, aquela que o permite trabalhar em perfeita sincronia, aquela que permite que o peso se distribua e que, em conjunto, se possa erguer o mais digno e honroso sonho que o Homem pode ambicionar.



4. Programa Oeiras Solidária

O Programa Oeiras Solidária, projectado em 2003 e ratificado em 2004, é o fio que percorre todas as roldanas e sustenta o sonho “Oeiras de todos e para todos”. Através deste Programa, a Autarquia oferece às empresas que operam no concelho – e para as quais Ser Solidário é perspectivado como um dever no seio da sua filosofia empresarial – um serviço de informação, análise e avaliação de projectos sociais, tendo em conta as prioridades estratégicas de desenvolvimento social do concelho e contribuindo para a participação cívica e solidária na vida da comunidade. Por outras palavras, a Autarquia funciona como um banco, consultor e mediador de projectos, de iniciativas que envolvem diferentes targets e instituições de diversa natureza, ao qual as empresas interessadas podem recorrer, com o objectivo de se informarem sobre as principais necessidades concelhias e apadrinharem um projecto que se adapte ao seu objecto social.

As empresas beneficiam deste serviço através da adesão voluntária ao protocolo de cooperação, que se poderá traduzir numa ajuda ao nível humano, financeiro ou material. E porque Ser Solidário é também pensar e abordar diferentes formas de ajudar quem necessita, o programa Oeiras Solidária está receptivo a que os próprios parceiros lancem novas ideias e propostas!

ACÇÕES DESENVOLVIDAS

Prevenção do Consumo Excessivo de Álcool	Apoio à formação da ÁRIA Oeiras
Semana da Saúde	Rede de Mediadores para o Emprego
Mãos Dadas para a Vida	Rede de Formadores
Colónia de Férias Futuro Jovem	Espaço Internet para Seniores
Educação Alimentar	Programa de Emprego Valor ISS
Dia Mundial do Rim	Estágios Juniores
Dia Mundial da Criança	Ateliés de Artes
Dia Mundial dos Avós	Academia III
Festas de Natal	Requalificação de Instalações
Distribuição de Cabazes	Remodelação de interiores
Promoção do Empreendedorismo	Reequipamento
	Programa Oeiras Sem Barreiras

E porque Ser Solidário é também pensar e abordar diferentes formas de ajudar quem necessita, o programa Oeiras Solidária está receptivo a que os próprios parceiros lancem novas ideias e propostas!



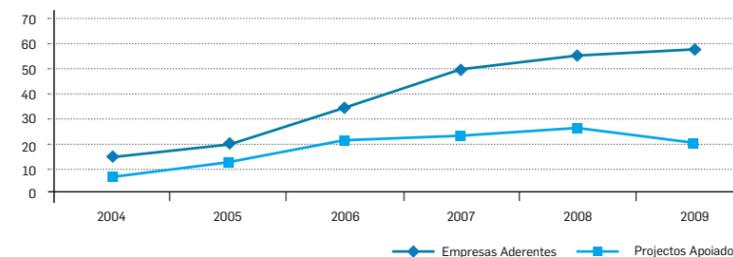
Oeiras Solidária em Números

O Programa Oeiras Solidária, que iniciou a sua actividade com o apoio de 14 empresas, actualmente conta com a participação activa de 58 parceiros. Isto significa que, num período de cinco anos, Oeiras Solidária mais do que quadruplicou o número de empresas aderentes. Este crescimento reflectiu-se num aumento gradual de projectos apoiados, com uma ligeira descida no ano transacto, decorrente da crise financeira internacional que atingiu, naturalmente, as empresas sedeadas no concelho de Oeiras.

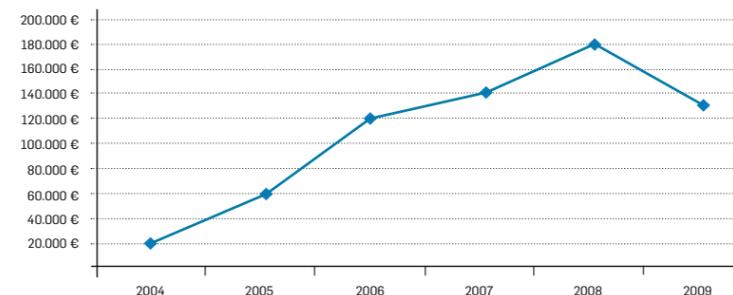
Estes números animadores tiveram um reflexo imediato no investimento social das empresas que, de 2004 a 2009, mais do que quintuplicou! }

O Programa Oeiras Solidária, que iniciou a sua actividade com o apoio de 14 empresas, actualmente conta com a participação activa de 58 parceiros.

Evolução do Número de Empresas Aderentes e de Projectos Apoiados, com base anual



Investimento Social das Empresas Aderentes



Oeiras Solidária tem Espírito Empreendedor!

OEIRAS SPIRIT

No seio do Programa Oeiras Solidária e com vista à promoção do empreendedorismo, foi projectado e desenvolvido o Oeiras Spirit - Programa de Promoção do Espírito Empreendedor no Concelho de Oeiras. O seu lançamento aproxima-se: 16 de Novembro de 2010!

Tendo por missão apoiar a integração socio-profissional dos munícipes, através de uma rede de apoio aos micro empreendedores, o *Oeiras Spirit* faz jus à sua designação e propõe-se promover e estimular o espírito de iniciativa dos cidadãos oeirenses, de modo a que os próprios, primeiro com o apoio de especialistas e mais tarde de forma autónoma, se tornem intervenientes activos na elevação do nosso sonho solidário.

O argumento para a implementação do *Oeiras Spirit* encontra fundamentação válida na análise do desenvolvimento económico, estrutura e tendências, produzida no Estudo Estratégico para o Desenvolvimento Económico e Competitividade Territorial do Concelho de Oeiras, realizado em 2009, que identifica as seguintes potencialidades para a criação e instalação de novos negócios:

- Necessidade de crescimento de oportunidades de emprego local para os residentes no concelho, sobretudo para os mais qualificados;
- Necessidade de crescimento do grau de especialização dos sectores ligados aos serviços, aos indivíduos e às famílias – educação, saúde, cultura, restauração e hotelaria, desporto e lazer;
- Necessidade de criação de sinergias e parcerias entre Instituições Científicas, Associações Empresariais e empresas, permitindo transferências de tecnologias para estas últimas, sobretudo para as Pequenas e Médias Empresas que não nasceram com base tecnológica e que têm dificuldades em se modernizarem.

Tipologia de Projectos e Destinatários

Tipologias	Destinatários
Negócios Tradicionais	Todas as pessoas residentes no concelho de Oeiras que: <ul style="list-style-type: none"> • Tenham entre 18 e 65 anos de idade; • Tenham nacionalidade portuguesa ou autorização de residência em Portugal; • Queiram criar negócio ou empresa com sede no concelho de Oeiras.
Negócios com elevado grau de especialização	Todas as empresas ou associações com sede no concelho de Oeiras que: <ul style="list-style-type: none"> • Existam, legalmente, há pelo menos três anos; • Queiram desenvolver um projecto ou ideia.
Transferência de Tecnologia para Micro, Pequenas e Médias Empresas	
Negócios Culturais ou Sociais	

Oeiras Spirit em Seis Passos

As ideias de negócios são analisadas tendo em perspectiva, cumulativamente, a situação dos proponentes face ao emprego, à idade e ao rendimento disponível, de modo a que se estabeleça uma linha de orientação com condições de sucesso face à tipologia do projecto apresentado, nomeadamente, em termos de fonte de financiamento. As ideias de negócios passam pelas seguintes fases:

1. Análise da viabilidade / Plano de Negócios

Tipo de negócios / produtos, mercado, zona geográfica, número de potenciais consumidores / clientes, investimento inicial;

2. Formação

Adequação ao perfil de competências para a implementação e desenvolvimento dos negócios;

3. Ponderação da viabilidade das ideias

De acordo com o grau de inovação da ideia; a sua exequibilidade; o impacto económico, social e ambiental nos sectores de actividade;

4. Financiamento

Encaminhamento para soluções de crédito adaptadas e existentes na entidade financeira parceira do programa;

5. Incubação

Plataforma tecnológica de apoio aos empreendedores, compreendendo serviços de aprovisionamento, gestão de *stocks*, gestão de contactos e comercialização;

6. Apoio Técnico

Mentoring e *coaching* por agentes especializados durante a fase de maturação dos negócios.

A Incubadora Virtual

O *Oeiras Spirit* pretende alicerçar a sua actividade através de um novo modelo de incubação, denominado Incubadora Virtual. Este modelo será constituído por uma plataforma tecnológica, onde estarão à disposição dos empreendedores páginas de informação e suporte *online*, patrocinadas por empresas especialistas nas diversas áreas, nomeadamente: serviços financeiros e bancarização; contabilidade; parques e espaços empresariais; serviços municipais; seguros; assistência legal; marketing; e ferramentas de gestão.

A Incubadora Virtual permitirá ainda a criação de páginas pelos empreendedores incubados, de bases de dados onde potenciais fornecedores dos negócios incubados possam, após registo, apresentar os seus serviços e/ou produtos.

Os negócios poderão estar alojados na Incubadora Virtual durante o prazo máximo de 36 meses. Findo este prazo, os empreendedores poderão optar entre seguir um caminho autónomo ou passar a integrar o grupo de patrocinadores da incubadora, de acordo com o modelo específico a definir. }



Oeiras Solidária distingue-se!

2010

Foi considerado um *case study* pelo INCLUDE – Pathways to Community Investment (projecto financiado pela União Europeia e que constitui uma parceria entre o Business in the Community e a UPJ – Connecting Business Society), integrando o Kit de Boas Práticas Europeias;

2007

Recebeu a distinção do Programa Comunitário CRS – Vaderegio Toolkit, financiado pela Direcção-Geral das Regiões da União Europeia;

2006

O Programa Oeiras Solidária foi distinguido na categoria 'Iniciativa Empresarial Responsável', pelo Júri Nacional dos "European Enterprise Awards". Um galardão atribuído pelo IAPMEI.



Ser Solidário em Oeiras é...

Promover a melhoria das condições de vida dos munícipes mais vulneráveis;

Apoiar a integração socio-profissional;

Melhorar e qualificar as respostas ao insucesso escolar e abandono escolar precoce;

Promover estilos de vida saudáveis;

Capacitar as organizações do sector voluntário;

Promover o voluntariado e a participação cívica;

... Dar o melhor de nós mesmos a quem de nós necessita!

INFORMAÇÕES

Departamento de Educação, Acção Social e Desporto
Tel. 214 408 530
maria.martins@cm-oeiras.pt
jose.almeida@cm-oeiras.pt
www.cm-oeiras.pt



NAVEGAMOS NA LUZ

Este trabalho mostra a passagem da vida terrestre, física, para a vida cósmica, universal, e vice-versa.

Pintei um óvulo/ovo, energizado pela espiral galáctica que nos fecundou; somos poeira de estrelas, matéria, que juntamente com a água, a água mágica que nos preenche, assumimos uma forma, um corpo.

Com o fim do corpo, o ciclo recomeça.

Luis Vieira Baptista



Óleo / Tela
91 x 146 cm
2006

Obra de Luis Vieira Baptista
a celebrar 35 anos de exposições individuais



SER HUMANO-OBJECTO

VELHOS OBJECTOS E TRAJECTOS

*Etimologicamente o **objecto**, ob-jectum, é aquilo que está posto diante de... (para ser visto e ouvido, sentido.)*

LUÍS MARIA BAPTISTA } *Texto* DIOGO CASTRO GUIMARÃES / LUÍS MARIA BAPTISTA } *Fotografias*

Já vão longe os tempos em que ser menos novo era uma coisa boa, por causa das histórias que havia para contar e do baú mágico das recordações: fascínio de tantas crianças, nas quais me incluo. Sabedoria, experiência e conhecimento eram sinónimos de mais tempo de Vida e por isso de respeito e prestígio, por parte dos mais novos em relação aos mais velhos. Já são escassos os povos onde estar há mais tempo vivo, ter mais anos de vida é motivo de respeito e prestígio social. Os que ainda assim consideram os menos novos, que sobrevivem do respeito pelos mais velhos, normalmente associamo-los a estados humanos subdesenvolvidos ou primitivos. O poder económico é hoje a única mais valia de muito deles. Para isso trabalham toda uma vida. Ganha-se dinheiro para se ser ouvido. O poder do dinheiro é o único atractor que conseguiram desenvolver ao longo da vida capaz de interessar quem os circunda. Crueldade terrível.

Zangam-se quando já não suportam mais fingir ou o dinheiro já não chega para compensar aqueles que amam, pelo facto de estarem vivos, quererem fazer-se ouvir e ocuparem espaço. No acto implícito de pagar para se ser ouvido por aqueles que lhe são mais próximos, encontramos a maior das crueldades afectivas do nosso tempo. A vileza do tempo manifesta-se assim. Os nossos menos novos são cada vez mais, e as expressões que emanam nada têm a ver com a doçura romântica do tempo. As rugas já não são sinal de experiência e de vida vivida. São sinal de vazio, ausência, alheamento, indiferença, falta de tempo, incompetência, solidão, tristeza, preocupação e abandono. As operações plásticas à nossa aparência são disso o maior sinal dos nossos tempos. Queremos retardar o tempo em que ninguém nos vai ouvir se não pudermos pagar para que tal aconteça. Temos de ter mais tempo para ganhar dinheiro. “- Se tivesse dinheiro não me tratavam assim!” É um dos desabafo mais



frequentes na boca dos nossos menos novos, enquanto matam o tempo e esperam pela sua passagem nos bancos e nas mesas de jogo de cartas, dos nossos jardins.

No entanto há uma excepção, de menos novos, que paralelamente à maioria que se esgotou no esforço de manter a vida, conseguem fazer-se ouvir sem ter de pagar para isso. São aqueles que ao longo da vida usaram a criatividade como instrumento fundador da vida, que desenvolveram ao longo dela estratégias imaginárias de criação de “outros mundos” tornando a vida numa actividade artística contínua e não num espaço de paragens constantes sem rumo onde cada espera faz perder o sentido de todos e de tudo. Esses são os mais velhos, artistas. Verdadeiros heróis do nosso tempo, fechados nos seus espaços de trabalho em pleno labor imaginário a aumentarem a Vida continuamente. A passagem do tempo marcada no corpo imortaliza-os na obra que realizam e aumentam a espessura do tempo daqueles que entram em contacto com ela. Para os menos novos artistas não há tempo livre de espera. Antes pelo contrário o tempo corporal que lhes resta nunca será suficiente para a obra (i)material que ambicionam realizar, por causa da qualidade da vida corporal daqueles que vão vir a seguir.

Verdadeiro fascínio, pensar num homem / mulher artista agora menos novo a brincar, a criar inconformado no espaço do seu atelier e contrapô-lo ao homem / mulher “idoso” da mesma idade, à espera no banco do jardim, focado nas dores corporais e anímicas, sem capacidade de acção. Podemos apresentar razões económicas e contextos sociais e culturais como justificação dessas diferenças, mas isso não é suficientemente interessante para pensar porque que é a vida oferece a duas pessoas vivas, simultâneas, nascidas no mesmo tempo, destinos e privilégios tão diversos. Porque é que a umas permite a alteração e o exercitamento diário dos limites do corpo, a experimentação e a prática da criatividade ao longo da vida, e a outras a ausência total dela e todas as consequências de sentido que isso acarreta à vida de cada uma. Porque é que a umas oferece a clarividência daquilo que o humano engendrou de melhor e a outras apenas a evidência implacável da passagem do tempo sem qualquer outro nível de complexidade e compensação que ajude a atenuar essa passagem. Se a vida é a única possibilidade de realização que temos todos em comum manifesta nas diversas tipologias de corpo humano, porque é que a vida realmente humana de alguns é realizada à custa da ausência de vida da maioria; da hierarquização das competências e das formas do sentir e da total falta de consciência de todos destas duas situações. Não saímos do nosso estado de corpo (animal) a vida toda. Os nossos instintos de sobrevivência e os seus níveis de intensidade de desejo básico são o instrumento regulador desculpabilizante de todas as acções da nossa vida. Raros são os que chegam ao estado corporal humano consciente maior, o da escolha da necessidade de sentir a vida e os outros acima da média libertos de padrões niveladores. Só quando a satisfação do desejo sexual e os níveis de realização de cada um forem directamente proporcionais aos níveis de mérito humano alcançado, reflexo da qualidade das criações humanas e artísticas realizadas, sairemos da trágica limitação

”

No entanto há uma excepção, de menos novos, que paralelamente à maioria que se esgotou no esforço de manter a vida, conseguem fazer-se ouvir sem ter de pagar para isso. São aqueles que ao longo da vida usaram a criatividade como instrumento fundador da vida, que desenvolveram ao longo dela estratégias imaginárias de criação de “outros mundos” tornando a vida numa actividade artística contínua e não num espaço de paragens constantes sem rumo onde cada espera faz perder o sentido de todos e de tudo. Esses são os mais velhos, artistas.

da vida (animal): “ Dói-nos o corpo” o nosso e o do outro, será sempre a nossa maior e única queixa.

O que importa é que não quero cruzar-me diariamente nos espaços por onde me movo, com a imagem do vazio iminente “daquilo” em que todos nos estamos a tornar, sem fazer nada para o contrariar.

Acredito na função redentora da cultura, através do exercitamento e do aumento diário da intensidade da necessidade artística / criadora do homem. Gostava de acreditar que os nossos jardins, são mais que espaços de passagem depositários de menos novos para a vida eterna, mais que antecâmaras agradáveis de outra vida.

Conheço-os de outra maneira. Conheço-os de passar neles em alguns dias do mês e aí descobrir verdadeiras raridades da acção humana. Conheço-os dos domingos de feira de velharias, repletos de objectos e de pessoas à procura de memórias perdidas e na descoberta de novas possibilidades de vida. Nesses dias os objectos velhos proliferam e são o seu maior valor. Os objectos mais velhos são os mais procurados. Na maior parte dos casos o valor material de cada um deles está no tempo, na antiguidade temporal e no engenho artístico de realização do objecto em causa. O tempo (criativo) é o único legitimador do valor. Aí encontramos objectos de natureza e valor diversos, reflexos plenos dos melhores pensamentos e concretizações humanas de cada época. Nestes dias o jardim escolhido, para esta aparição magnífica de objectos com mais ou menos valor, torna-se numa verdadeira fábrica imaginária de memórias, de busca do tempo perdido em que os



frequentadores clientes mais ou menos habituais e não me refiro aos clientes profissionais mas sim àqueles que por razões humanas individuais criativas que nada têm de comercial, entre os quais me incluo, se tornam verdadeiros heróis. Através do seu olhar atento essencializador e de trajectos ficcionais estratégicos repetidos vezes sem conta no espaço do jardim, salvam e desviam a trajectória física e ideal de objectos aparentemente inúteis que até a esse seu olhar, estavam há muito remetidos ao abandono, à falta de atenção e à falta de imaginação. A possibilidade de serem integrados posteriormente em novos níveis de contemplação e passarem a ser objecto de uma nova atenção histórica, criativa e filosófica, através da sua integração em novos processos poéticos de composição e de pensamento humano dos quais tinham sido há muito desviados, intensifica-lhe não só o sentido formal do ponto vista do desenho mas também o valor (i)material, do qual podem passar a depender, garante da sua perduração, universalidade e renovação constante de sentidos no Tempo. Nestes dias de feira, os jardins não se distinguem pela idade dos seus frequentadores. Nestes dias crianças, jovens, adultos e menos novos são coincidentes temporalmente, possuidores de uma idade universal sem tempo que partilham e que faz com que cada um deles usufrua da idade alheia enquanto se deslocam física e mentalmente por entre as histórias que cada um destes objectos encerra e que sempre que possível é extraordinário saber mesmo que inventada por quem a conta no momento em que está tenta desfazer-se de um qualquer um deles. Aqui qualquer idade temporal é valiosa, pelas possibilidades de sentido que cada ser humano-objecto permite ao outro.

Nos domingos de feira, os objectos valorizados pelo tempo, delimitados em espaços delineados no chão por faixas de tinta amarela, substituem o grande contingente de seres humanos menos novos sentados no espaço dos bancos laterais à vida onde esperam durante a semana. Paralelos à vida, aos menos novos resta desejar que alguém se disponibilize a intersectá-los no tempo em que ainda estão expostos a todos os sentidos, a pressenti-los em relação àquilo que de melhor são, pensaram, fizeram ou estão a ser enquanto permanecem visíveis.

Os objectos têm mais probabilidades de serem salvos e de sentido que os menos novos.

Serem Humanos-Objecto.

Olha o passarinho! (clic) }

Nota:

O conjunto de objectos que integram as imagens deste artigo foram “salvos” e reunidos nas feiras de velharias do nosso concelho ao longo de um período de 2 anos.

Aos Domingos de cada mês!

Calendário das FEIRAS DE VELHARIAS que transformam os nosso jardins aos domingos, de cada mês.

Jardim de Oeiras – 1º Domingo de cada mês.

Jardim de Caxias – 2º Domingo de cada mês.

Jardim de Paço de Arcos – 3º Domingo de cada mês.

Jardim de Algés – 4º Domingo de cada mês.

Ámen!

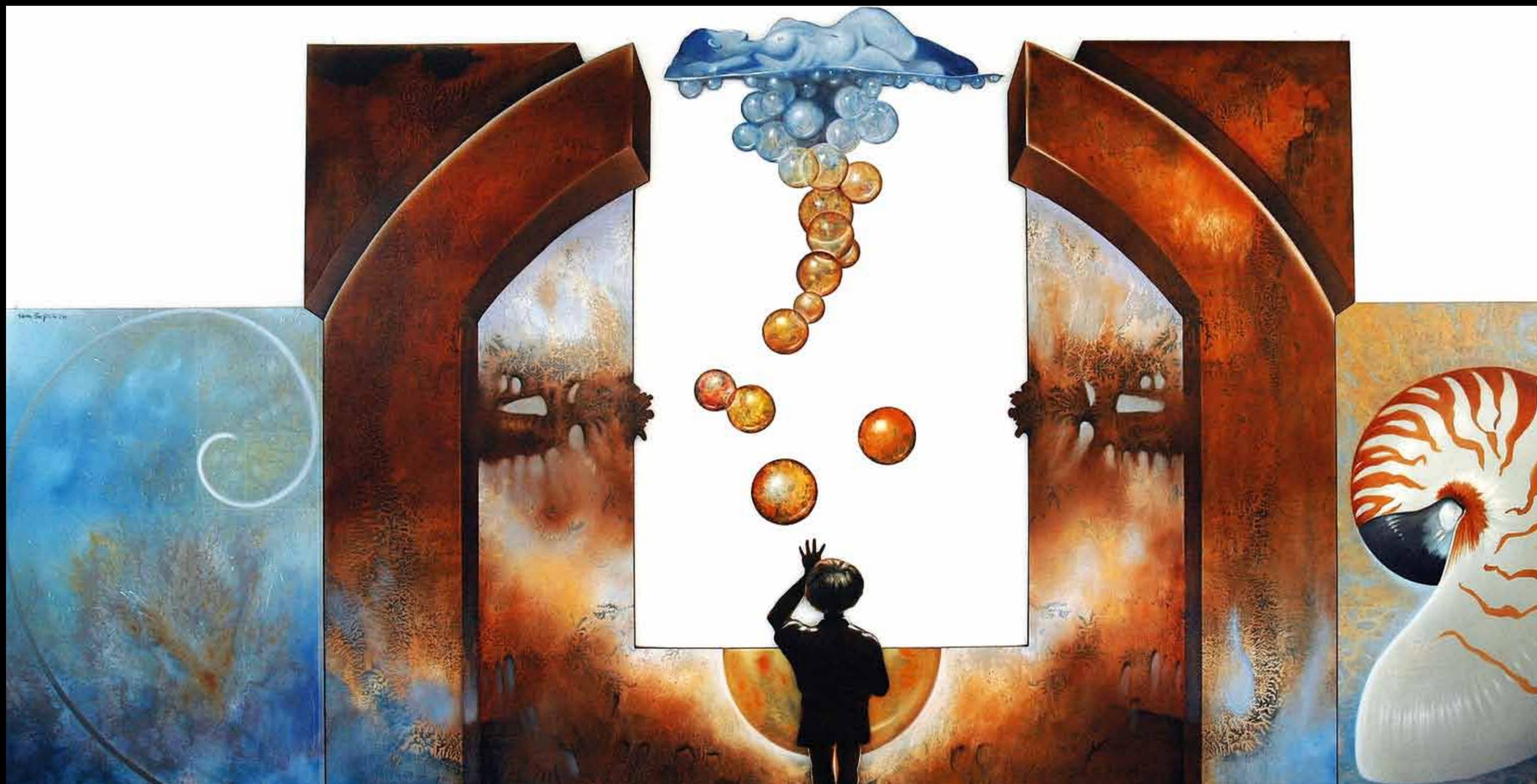




O SONHO

O sonho é que comanda a vida e foi por isso mesmo que esta pintura surgiu. É o núcleo central de uma obra com 18mt de comprimento, feita para o lançamento do livro *Visionismo ou as Sincronias do Acaso*, em 2000, ano em que completei vinte e cinco anos da minha primeira exposição individual. É um portal onde a vida se desenrola, representado pela criança que acena para a Mulher/Mãe levitando sobre os óvulos da sua própria maternidade.

Luís Vieira Baptista



Óleo / Madeira Recortada:
240 x 600 cm
2000

Obra de Luís Vieira Baptista
a celebrar 35 anos de exposições individuais

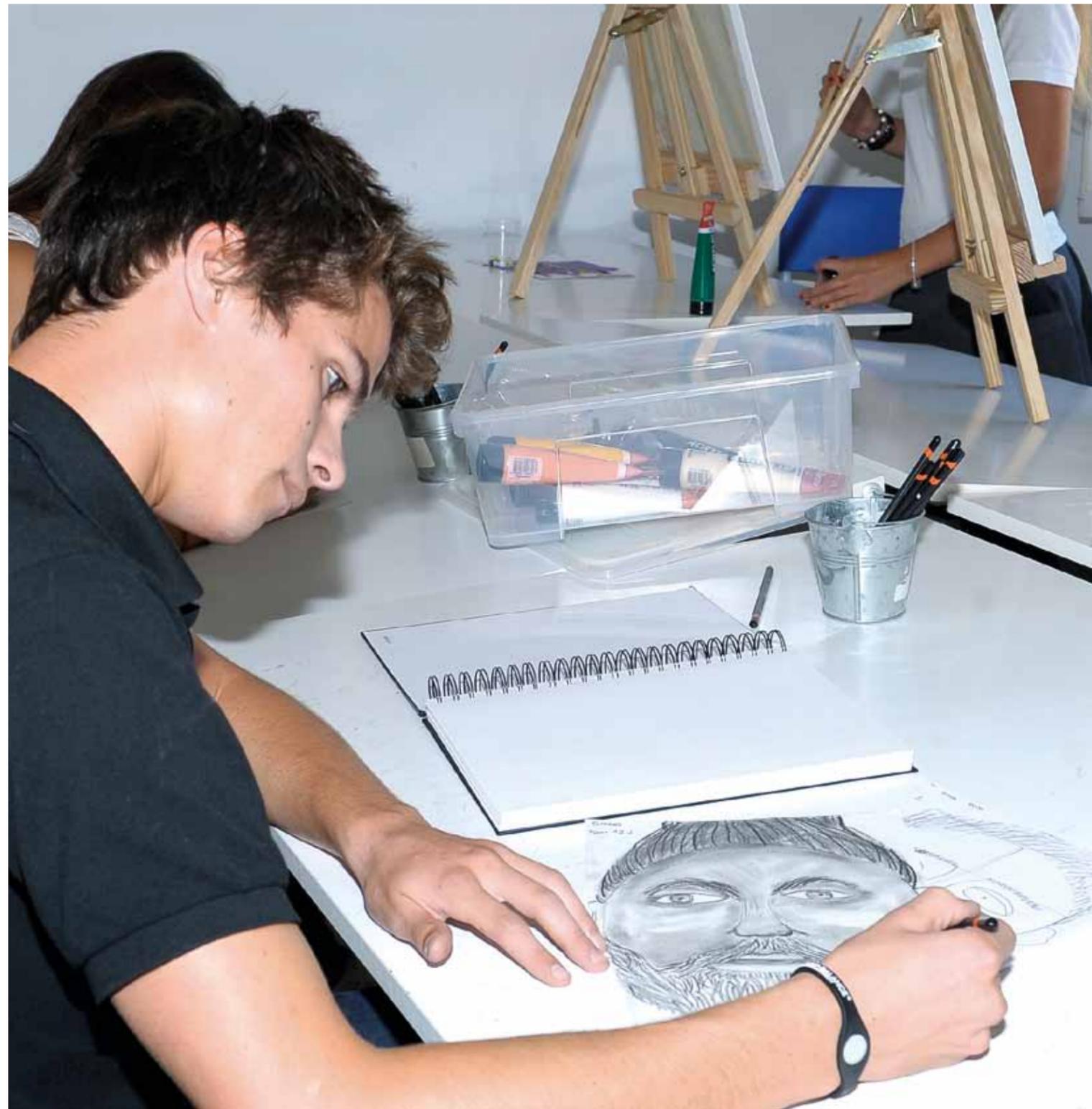


ABRIU A OEIRAS INTERNATIONAL SCHOOL

A ESCOLA "OH YES!"

A Fundação de Oeiras começa a ter um ritmo diferente do habitual. Por lá, a dinâmica é outra. Foi como se o espaço sofresse uma epifania e se reinventasse. A Fundação de Oeiras é, neste ano lectivo, nada mais que um Liceu, mas um liceu especial. Ali nasceu a Oeiras International School (OIS), a primeira escola internacional de todo o concelho de Oeiras.

CARLA ROCHA } *Texto* CARMO MONTANHA . CARLOS SANTOS } *Fotografias*



O eiras foi recentemente eleito como o Melhor Município para Estudar no âmbito da iniciativa “Prémios de reconhecimento à Educação 2010”. Há muito que a educação é uma prioridade para esta autarquia. Interessa, mais que os prémios, a construção de um concelho onde o ensino, pilar da sociedade, seja de qualidade. Talvez por esta política primordial de educação, a câmara mais do que abrir as portas à OIS, escancarou por completo todo o seu apoio na criação da sua primeira escola internacional a Oeiras International School que seguirá os programas do International Baccalaureate (IB) já reconhecidos pelo Ministério da Educação. Esta escola, que corresponde ao liceu com anos lectivos que começam no sétimo ano é fruto da vontade de um grupo de pais e cidadãos preocupados com a educação e que, por isso, formaram uma associação sem fins lucrativos e embarcaram nesta aventura.

MAS O QUE É QUE ESTA ESCOLA TEM DE DIFERENTE?

Ela começa no sétimo ano e vai até ao décimo terceiro. Chegadas aqui os alunos que pretendam concorrer às universidades ditas ‘normais’ poderão fazê-lo, como aliás podem transitar sempre ao longo dos anos bastando para isso que peçam as equivalências. Mas assim sendo, o que é que a OIS tem de diferente? Para já a língua que paira no ar nos corredores da Fundação de Oeiras é o inglês. Desde as aulas a todo o funcionamento desta instituição a língua utilizada é o inglês. Mas que não seja este o motivo de alguns jovens, que se sentem menos à vontade com esta língua, para não ingressarem nesta escola. Para todos os que não possuem bases de inglês há aulas especiais



A câmara mais do que abrir as portas à OIS, escancarou por completo todo o seu apoio na criação da sua primeira escola internacional a Oeiras International School que seguirá os programas do International Baccalaureate (IB) já reconhecidos pelo Ministério da Educação. Esta escola, que corresponde ao liceu com anos lectivos que começam no sétimo ano é fruto da vontade de um grupo de pais e cidadãos preocupados com a educação e que, por isso, formaram uma associação sem fins lucrativos e embarcaram nesta aventura.

de forma a coloca-los num nível de conhecimento que lhes permita fazer os estudos sem percalços. Para além da língua oficial esta escola possui fundamentos que pretendem materializar as vontades dos seus fundadores e são eles: uma instituição que quer dar realce ao ensino científico, aos valores sociais, nomeadamente colocar os seus alunos ao serviço da comunidade e criar ou dar ênfase aos valores de uma sociedade sustentável. Ou seja, mais que aquilo que as matérias curriculares possam e devem incutir, esta escola pretende formar cidadãos. E este é um ponto que merece algum enfoque, porque o apoio à sociedade é mais do que uma obrigação de cada jovem. Pela sua dinâmica e entrega eles também são avaliados. Não se pense, no entanto, que relativamente às matérias dadas dentro de aulas que 'são favas contadas'. As escolas IB são conhecidas pelo seu grau de exigência e esta não foge à regra.

Para além da exigência dentro de fora das salas de aulas, a OIS possui uma política de ensino mais personalizada, ou seja, vocacionada para a individualidade de cada aluno, das suas particularidades, as suas qualidades e seus defeitos. Por isso, as turmas são limitadas para que o corpo docente possa olhar cada aluno como uno e não olhar apenas para o todo. Este acompanhamento especial que cada aluno tem visa a alimentar, nesse mesmo aluno, as suas potencialidades. E este acompanhamento distende-se a alunos que possam possuir algum grau de deficiência ou algum síndrome que requeira uma atenção especial. Aqui ninguém é excluído. Saberão lidar com a única e insubstituível personalidade de cada um.

E se a OIS preconiza a responsabilidade nos seus alunos, ela também dá o exemplo. Assim, haverá alunos que não possuindo condições financeiras para frequentar esta escola, podem candidatar-se a uma bolsa de estudo que pagará o seu ensino até ao fim. Terão em conta o mérito e projecto pessoal na atribuição da bolsa.

Aqui há uma áurea única e distinta. Corre pelos corredores a vontade de ser mais e melhor. Mais conhecedor e mais capaz. A sabedoria parece entoar em cada esquina.

Abertos à sociedade, não perca uma visita a esta escola e veja o que tem para oferecer.

Este ano, funcionará na Fundação de Oeiras mas no ano lectivo de 2011\12 a OIS rumará, em definitivo, para Barcarena, mais precisamente para a Quinta Nossa Senhora da Conceição.

As propinas começam nos 11.000€ anuais, mas quando se trata de formar cidadãos a educação não tem preço.

Pelos corredores já se ouvem os alunos a chamarem a esta instituição 'A escola Oh, Yes!', sinal de que estão bem ambientados. Pudera, não há muitas assim! }

Mais informações

<http://www.oeirasinternationalschool.com>



Quinta Nossa Senhora da Conceição



UM SONHO COM BANDEIRA VERDE!

OEIRAS ENTRE AS "AUTARQUIAS + FAMILIARMENTE RESPONSÁVEIS"

No passado dia 22 de Setembro, Oeiras recebeu a Bandeira Verde da iniciativa «Autarquia + Familiarmente Responsável 2010», atribuída pelo Observatório de Autarquias Familiarmente Responsáveis (OAFR). Uma cerimónia que teve lugar no Auditório da Associação Nacional dos Municípios, em Coimbra, e que contou com a presença dos representantes das 17 Autarquias distinguidas: Águeda, Angra do Heroísmo, Cantanhede, Coimbra, Évora, Montijo, Oeiras, Póvoa do Lanhoso, Santarém, Sintra, Tavira, Torres Novas, Torres Vedras, Vila Franca de Xira, Vila de Rei, Vila Real, Vila Real de Santo António.



Directora Municipal de Desenvolvimento Social e Cultural, Dra. Ana Runkel

Esta distinção reflecte os resultados de um inquérito realizado ao nível nacional, onde foram analisadas as políticas de família dos municípios, em nove áreas de actuação:

- Apoio à maternidade e paternidade;
- Apoio às famílias com necessidades especiais;
- Serviços básicos;
- Educação e formação;
- Habitação e urbanismo;
- Transportes;
- Cultura, desporto, lazer e tempo livre;
- Cooperação, relações institucionais e participação social;
- Outras iniciativas.

A Bandeira Verde é o reconhecimento das políticas sociais de

família adoptadas pela Câmara Municipal de Oeiras, nas duas principais vertentes: nas medidas que se destinam a todas as famílias e que visam reconhecer o seu inalienável contributo para a sociedade; e nas medidas de política assistencial que se destinam apenas às famílias com menos recursos financeiros e que visam colmatar essa falta de recursos através de apoios específicos e personalizados. Uma Bandeira que dá luz Verde ao trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal de Oeiras em matéria de acção social. Oeiras de todos e para todos... Cada vez mais uma realidade! }

Os resultados podem ser consultados no site www.observatorioafr.org



AROMAS COM ARTE?

Arte, Filosofia e Ciência são pilares da cultura humana sem que existam privilégios de uma destas disciplinas sobre as outras. Desde logo, em sentido alargado, falar em Ciência é falar em conhecimento. É tentar descobrir como funciona a realidade, essa mesma realidade também objecto da filosofia. Tal como a Ciência, filosofar é investigar, analisar e reflectir sobre o mundo, questionando as inquietações do Homem. Pode até afirmar-se com alguma margem de confiança, que a partir da Filosofia surge a Ciência. Mas vamos ao que interessa: daqueles três pilares, a Arte – e incluo aqui as tradicionais sete artes (Música, Pintura, Escultura, Dança, Literatura, Teatro e Cinema) – é o conceito mais difícil de definir. Digamos que, sendo um modo muito pessoal e muito par-

ticular de revelarmos emoções e sentimentos, parece legítimo que àquelas 7 artes acrescentemos a Arquitectura, o Design, a Fotografia, as Circenses e as Performativas. E que dizer da milenária arte de fazer um bom vinho? E da arte de cozinhar e de saber associar alimentos para lhes retirar o máximo benefício? E da arte do chá? Sim, digo arte, pois a cerimónia do chá, nomeadamente no Japão, requer sabedoria, serenidade, cortesia e perfeição, significando, por isso, muito mais do que um mero servir e sorver de uma simples chávena de chá. Reúnem-se vários elementos – vestimenta (kimono) caligráfica, arranjo de flores, cerâmica, gestos protocolares e utensílios necessários à preparação do chá – para, primorosamente e sob a influência do budismo zen, se purificar a alma do Homem

confundindo-a com aromas e com a natureza. Foi isto que pudemos sentir no atelier “Cerimónia do Chá” elegantemente dirigido pela jovem japonesa Yuca Takao, e realizado em 10 e em 24 de Julho passado no Palácio Anjos com o apoio da Embaixada do Japão e da Associação de Amizade Portugal-Japão no âmbito das Comemorações, em Oeiras, do 150º Aniversário do Tratado de Amizade entre os dois países. Nestas Comemorações incluem-se ainda o lançamento na Livraria-Galeria Municipal Verney, do livro “O Império da Imagem - Luzes e Sombras do Japão” (Edit. Tágide) do académico Eduardo Kol de Carvalho, e o espectáculo “Tambores do Japão” a 12 de Setembro. Foi tempo de viver o Japão em Oeiras. Com verdade. E nada há mais belo que o verdadeiro!



UMA HISTÓRIA DE DOIS APLAUDIDA EM SALA CHEIA!

Uma peça de teatro, uma comédia hilariante, um retrato do tumultuoso mundo das relações “a dois”, um olhar divertido sobre os “tempos modernos”, um relance com humor sobre alguns dos conflitos que marcam a actualidade portuguesa... Eis algumas possíveis definições que, contudo, são redutoras e incapazes de exprimir fidedignamente a real dimensão do espectáculo partilhado com largas centenas de pessoas, entre 9 de Julho e 8 de Agosto, no Auditório Eunice Muñoz! Os aplausos, enérgicos e efusivos, esses

sim conseguiram expressar em pleno o entusiasmo e, sobretudo, a envolvimento do público com a história tecida entre Luísa e Carlos e representada, respectivamente, por Teresa Guilherme e Guilherme Filipe. Uma dupla que conquistou o público, suplantou expectativas e que, de uma maneira inesquecível, se entregou às personagens criadas por Eduardo Gálan: Luísa, uma mulher divorciada que trabalha como caixa de um supermercado; Carlos, um professor viúvo que vive o seu dia-a-dia a pensar na reforma

antecipada. Os sentimentos, nem sempre claros, atropelam-se e as personagens vão mergulhando num caos emocional, agravado pela força das diferenças culturais e pela tentativa de reaproximação do ex-marido de Luísa. Um espectáculo memorável, com assinatura de Eduardo Gálan e encenação de Celso Cleto - dupla que se radicou no palco ibérico com êxitos como “A Crise dos 40”, “Mulheres Frente ao Espelho”, “Esperando a Diana” e “La Curva de la Felicidad”!



ENTREMITOS UM MITO ENTRE NÓS!

Aproximou-se devagar, quase que sorrateiramente, sem se deixar adivinhar... E quem diria que, ao fim de um ano e findas duas edições, o Mito – Mostra Internacional de Teatro de Oeiras incorporava-se de forma tão indelével no ADN cultural do concelho? Este ano, o EntreMitos aproximou-se abruptamente, deixou-se adivinhar muito antes de se fazer ouvir. E quando libertou a sua voz, ela foi ouvida quer aqui, na Fundação de Oeiras, quer do outro lado do Atlântico, no Rio de Janeiro! Gutí Fraga e Nós do Morro, grupo de teatro que dirige, remaram até Oeiras e aliaram-se a esta iniciativa de António Terra, director artístico da Companhia de Actores, contribuindo para um maior diálogo cultural e para uma enriquecedora troca de experiências entre artistas de língua portuguesa.

Quatro espaços – Espaço Aproximação, Espaço Expressão, Espaço SMAS, Espaço Workshop –, oito espectáculos – Meto a Colher, Nosso Senhor da Purificação, Sexo? Sim Obrigada, Pequenos Burgueses, Onni, Tudo o Que Existe Entre Nós, Terra do Nunca, Olhos nos Olhos –, conversas, documentários, workshops, música... Toda uma dinâmica cultural que, de 3 a 11 de Setembro, a custo zero para o público, dissipou o mito de que o teatro é uma arte desvalorizada! Não em Oeiras.

Em Oeiras, o teatro tem identidade. Eis o nosso prezado MITO!



O NÃO LUGAR...

Ana Paula Jardim
Licenciada em Filosofia (apj.aletheia@gmail.com)

Todos os dicionários juntos não contêm nem metade dos termos de que precisaríamos para nos entendermos uns aos outros.¹

Recebi um convite para escrever neste espaço... Um número limitado de caracteres disponíveis para as minhas palavras, ferramenta possível da minha intencionalidade.

O primeiro texto foi, assim, um *ensaio* tímido, um retalho de pensamentos dos outros, de palavras ditas e reditas vezes sem conta, apropriadas e reconfiguradas, agora, pela minha mão. A vida está cheia de lugares comuns...

Por isso, quando recomecei este pequeno exercício retórico, senti-me vazia de palavras, tentei perscrutar um horizonte novo no meio da imensidão de todo o ruído do mundo. Tentei encontrar a minha voz.

Num mundo globalizado, inundando de discursos, de *redes sociais*, de *Facebooks*, de *Twitters*, as pessoas permanecem fechadas em si mesmas, solitárias, errantes e mascaram essa solidão numa exposição excessiva, num caminhar permanente, no meio desse pequeno inferno que são os *outros*.

Talvez, por isso, a *utopia* seja esse *não lugar* onde as palavras não são necessárias, uma espécie de *ilha* feita de momentos de entendimento traduzidos, ainda que, por vezes, de forma breve, nos sorrisos, no humor, na cumplicidade, na amizade, no amor, no *outro*... Momentos em que a língua se torna universal e os equívocos se apagam, resgatando-nos da dispersão a que o episódio de Babel nos condenou...

Fragments de *uma vida*, sempre reiterados de cada vez que o nosso olhar se cruza com alguém que surge, anónimo, na multidão. Uma multidão feita de rostos conhecidos e desconhecidos, dos que se cruzam connosco, que olhamos, mas não vemos... Com eles surge, também, a esperança renovada, as expectativas, a abertura, a disponibilidade. E mesmo quando tudo acaba em enganos, em silêncios, em desencontro, mesmo quando não somos o que o *outro* espera de nós e o *outro* não é o que nós esperamos dele, resta esse *não lugar* à espera de ser preenchido num novo recomeço.

É esta esperança renovada, *esse lugar possível que ainda não é*, que alimenta o sonho e se constitui como força mobilizadora do mundo.

Esse *não lugar* somos *nós* e os *outros*, com todas as nossas imperfeições, contradições, com todo nosso encanto, com toda a nossa humanidade. À espera *do outro* para recomençar de novo... }

¹ SARAMAGO, José. O Homem Duplicado. p. 127



Num mundo globalizado, inundando de discursos, de *redes sociais*, de *Facebooks*, de *Twitters*, as pessoas permanecem fechadas em si mesmas, solitárias, errantes e mascaram essa solidão numa exposição excessiva, num caminhar permanente, no meio desse pequeno inferno que são os *outros*.



MENSA

Mais do que um restaurante

Mensa. Este não é um lapso linguístico, é mesmo da (do) Mensa que queremos falar-vos. Mensa, um restaurante com um ano de vida que abriu no alto de Paço de Arcos. Nunca um nome se encaixou tão bem naquilo que é a natureza deste espaço: um sítio onde comer faz parte do prazer de estar à mesa, de conviver, de despertar sensações. Porque Mensa vai para além do simples acto de se comer, distende-se para o prazer da comida. Perfeito. Encaixa na perfeição deste espaço que os donos criaram como se da sua sala de jantar se tratasse.

CARLA ROCHA } *Texto* CARLOS SANTOS } *Fotografias*



Abençoada epifania de Walter. Eu explico melhor, Walter Oliveira, um moçambicano de gema, economista de formação resolveu, ao fim de duas décadas de números e contas, dar azo à sua paixão pela cozinha e reinventar a sua vida, como quem reinventa um prato. Faz as malas e com a sua mulher, Sara, portuguesa, e a sua filha ainda um bebé, resolvem vir para Portugal abrir um restaurante e dar azo a uma nova vida como se de uma epifania se tratasse. Aqui está, a abençoada epifania! Não conhecendo nenhum sítio em particular, descobrem Paço de Arcos, bem no alto, de onde se avista o mar. Instalaram-se e abriram portas. Walter na cozinha a criar e a reinventar pratos e sabores e Sara a receber primorosamente os convivas. Depois, bem, depois o prazer é nosso. Se já tivessem lá ido perceberiam melhor como escrevo na perfeita medida em que ainda me babo ao pensar nas iguarias, nos pratos, nos sabores que provei. A conselho da casa, comecei por uma sopa fria de morangos. Foi um 'tirinho' da terra ao céu logo na primeira colherada. Depois veio a entrada, uns deliciosos camarões com cogumelos. Ficamos ali entre o doce e o salgado num casamento que promete fazer-nos felizes para sempre. Depois mergulhamos nuns bifés de atum pejados com sementes sésamo acompanhados por legumes primorosamente cozinhados na Wok. E por mim, a esta altura da refeição, já



”

A conselho da casa, comecei por uma sopa fria de morangos. Foi um 'tirinho' da terra ao céu logo na primeira colherada. Depois veio a entrada, uns deliciosos camarões com cogumelos. Ficamos ali entre o doce e o salgado num casamento que promete fazer-nos felizes para sempre.





podia morrer que morreria feliz. Estava refestelada quando Sara traz a ‘machadada’ final, uns camarões com arroz de passas e amêndoas. Cambaleei de prazer. Já não consegui provar o lombo de vaca enrolado em presunto que tão bem pareciam na travessa. Guardei-me para o panna cota com natas e frutos silvestres mas ainda consegui fazer uma perninha no ananás com manjerição. Finalizei com a minha total mortandade de prazer. A Mensa é um espaço acolhedor, cosy, onde facilmente podemos conversar com o cozinheiro que nos explica ao pormenor o que o inspira, que produtos utiliza, qual o vinho que devemos beber. A música acompanha o repasto. A decoração é sóbria, mas tudo isto são meros *fait-divers* assim que metemos a primeira colher à boca. Nesse momento, podíamos ser transportados para uma outra dimensão que nem nos apercebíamos. Sem exageros, quem gosta de uma ‘mexidela’ na cozinha tradicional perfeitamente entrumada com a cozinha oriental e inspiração da comida Australiana, este é o sítio perfeito. Para os menos orientados, se acharem difícil descobrir onde fica, não desistam pelo caminho, vale a pena a descoberta. }

Mensa

Rua Instituto Conde Agrolongo, 13 - B
Paço de Arcos
Tel. 912 054 077

Fecha aos Domingos

EXPOSIÇÃO

PASSE, CIDADÃO!

OEIRAS - 05 OUT » 31 DEZ 2010

05 OUT » 17 DEZ - CENTRO CULTURAL PALÁCIO DO EGÍPTO
TER A DOM das 11h30 às 18h00

21 DEZ » 31 DEZ - FOYER DO AUDITÓRIO MUN. EUNICE MUÑOZ
Dentro do horário dos espectáculos (diurnos ou nocturnos)

CONCEPÇÃO E PRODUÇÃO: FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, cult@deias, design, CO-PRODUÇÃO: Alcochete, Apoio Institucional: APORIS, GALINTELO, P&P, P&P



SÉCULO XXI - ANOS 10

1 OUT 10
27 FEV 11



Paula Rego, A Marquesa saiu os cinco, 1996, 137x100 cm, papel, 137x100 cm

PALÁCIO ANJOS ALGÉS

 Oeiras
Marca o ritmo

CAMB
CENTRO DE ARTE MARQUESE DE 1910